



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CAMPUS AGRESTE
NÚCLEO DE DESIGN E COMUNICAÇÃO
CURSO DE DESIGN

CARMEM LUCIA BANDIM DE ALMEIDA

“FAZ GOSTO A GENTE VÊ”:

Preservação da memória dos produtos mencionados
na música 'A Feira de Caruaru' de Onildo Almeida

Caruaru

2024

CARMEM LUCIA BANDIM DE ALMEIDA

Memorial Descritivo de Projeto apresentado ao Curso de Design do Campus Agreste da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, como requisito parcial para a obtenção do grau de bacharel em Design.

Orientadora: Rosimeri Franck Pichler

Caruaru

2024

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Almeida, Carmem Lucia Bandim de.

FAZ GOSTO A GENTE VÊ: Preservação da memória dos produtos mencionados na música 'A Feira de Caruaru' de Onildo Almeida / Carmem Lucia Bandim de Almeida. - Caruaru, 2024.

90.p

Orientador(a): Rosimeri Franck Pichler

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro Acadêmico do Agreste, Design, 2024.

10,00.

Inclui referências, apêndices.

1. Design gráfico. 2. Colagens Digitais. 3. Feira de Caruaru. 4. Onildo Almeida . 5. Inteligência Artificial. I. Pichler, Rosimeri Franck . (Orientação).
II. Título.

760 CDD (22.ed.)

CARMEM LUCIA BANDIM DE ALMEIDA

Memorial Descritivo de Projeto apresentado ao Curso de Design do Campus Agreste da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, como requisito parcial para a obtenção do grau de bacharel em Design.

Aprovada em: 22/03/2024

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª. Rosimeri Franck Pichler (Orientadora)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof^ª. Dr^ª. Marcela Fernanda de Carvalho Galvão Figueiredo Bezerra (Examinadora Interna)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Clécio José de Lacerda Lima (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Dedico esse projeto à Deus, Aquele que É.
A memória dos meus amados pais,
Maria do Carmo e José Bandim;
A minha querida irmã, Branca e a todos
que amo e que de alguma forma,
me sustentaram nessa jornada.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Senhor Deus, com o coração humilde e cheio de gratidão por ter me dado a oportunidade de ingressar na UFPE, me surpreendendo e presenteando com tamanho privilégio, novas perspectivas e desafios, sustentado e me formando como uma pessoa melhor. “Aquele que começou a boa obra, vai completa-la até o dia de Cristo Jesus.” (Filipenses 1:6). Muito obrigada, Deus.

Agradeço a minha irmã, “Venji” (Branca), por ser a minha família, minha maior incentivadora e por ter tanta fé em mim. Você que tão docemente e de forma altruísta se dedicou a mim, me ensinando sobre amor incondicional e espírito de doação. Muito do que eu sou de bom, vem de você, minha querida.

Pedro Hermesson, meu querido “Rapaz” (então namorado), por me incentivar e me provocar a crescer e ser melhor por mim e por nós.

Aos meus amigos queridos, que me sustentaram com tanto ânimo, incentivos e fé em mim.

A Rosimeri Pichler, minha orientadora, por ter me aceitado como orientanda e acreditado em mim e no meu tema, pelas risadas sinceras ao escutar meus relatos e me acolher, me conduzindo por esse último e desafiador trecho, dentro dessa jornada.

Não menos importante, à Seu Onildo Almeida por ter aberto as portas da sua casa para mim e ter proporcionado maior entendimento sobre sua obra e sobre os contextos e vivências da minha tão querida Feira de Caruaru. Também à sua esposa, Dona Lenita, de forma semelhante, me acolhendo e contribuindo com seus relatos.

A todos os professores, tanto os da UFPE como os que a antecederam na minha formação acadêmica. Muito obrigada por sua dedicação, lhes desejo e lhes devo muito reconhecimento e respeito.

Aos servidores da UFPE, vocês tem uma parte preciosa na vida de cada aluno, cujo essa instituição a vida transformou.

A cada participante de entrevista ou colaborador. Ao Brilho nos olhos das pessoas com quem falei sobre esse projeto, que a cada item desvendado, a reação da descoberta com um sonoro “Aaah, então é isso?!”, seguido por uma risada ou expressão de curiosidade saciada e noção de pertencimento aflorado, me “ confirmaram” no caminho certo, com a certeza que esse tema foi para mim.

Postumamente mas não menos importante, a Maria do Carmo e José Bandim, meus pais por todo sustento e amor dedicados. Também a Luiz Gonzaga, o Rei do Baião, por ter mostrado ao Brasil e ao Mundo o meu amado NORDESTE.

RESUMO

Este memorial descritivo tem como propósito, relatar o processo de pesquisa e execução do projeto gráfico “FAZ GOSTO A GENTE VÊ”, que teve como objeto de estudo, a letra da canção “A Feira de Caruaru”, escrita por Onildo Almeida, cantada e eternizada pelo saudoso Luiz Gonzaga, O Rei do Baião, dentro do contexto de quando foi composta, em Caruaru, no ano de 1956. A música foi uma das responsáveis não apenas pela difusão da feira da cidade, mas da própria cidade de Caruaru e da sua cultura. Utilizando-se técnicas de *Collage*, o projeto gerou 12 colagens digitais ilustrativas que visam resgatar a memória dos produtos cantados na letra original, validada pelo próprio compositor, com a finalidade de ser fiel aos seus contextos originais. O intuito do projeto foi a criação de uma imersão contextualizada com a cultura da época para os produtos que já não são comumente encontrados na feira contemporânea, ou que não façam parte do repertório comum dos seus usuários e frequentadores, seja por diferenças na pronúncia/ grafia ou pelas diferenças culturais. Para atingir este objetivo, o projeto também encontrou suporte na criação de imagens por inteligência artificial, para gerar personagens humanos que interagissem com esses produtos e seus contextos. Na execução deste projeto, foi utilizado o método de design de Bruno Munari, tendo sido adaptado pela autora para a natureza específica deste trabalho.

Palavras-chave: Design gráfico, Colagens Digitais; Feira de Caruaru; Onildo Almeida; Inteligência Artificial

ABSTRACT

This descriptive memorial aims to document the research and execution process of the graphic design project “FAZ GOSTO A GENTE VÊ,” which focused on the lyrics of the song “A Feira de Caruaru,” written by Onildo Almeida and sung and immortalized by the beloved Luiz Gonzaga, the King of Baião, within the context in which it was composed in Caruaru in 1956. The song played a significant role not only in promoting the city’s market but also in spreading awareness of Caruaru itself and its culture. Using collage techniques, the project produced 12 illustrative digital collages that seek to revive the memory of the products mentioned in the original lyrics, as validated by the composer, in order to remain faithful to their original contexts. The project's goal was to create an immersive experience aligned with the culture of the time for products that are no longer commonly found at today’s market or that no longer form part of its visitors' typical repertoire, whether due to differences in pronunciation/spelling or cultural changes. To achieve this, the project also leveraged artificial intelligence to generate human characters that interact with these products and their contexts. The design process was based on Bruno Munari’s method, which the author adapted to fit the specific nature of this work.

Keywords: Graphic Design; Digital Collages; Caruaru Market; Onildo Almeida; Artificial Intelligence

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
1.1	OBJETIVO GERAL.....	11
1.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	11
1.3	JUSTIFICATIVA	12
2	METODOLOGIA DE DESIGN	14
3	DESENVOLVIMENTO PROJETUAL	17
3.1	DEFINIÇÃO DO PROBLEMA (DP)	17
3.1.1	A história da música ‘A Feira de Caruaru’	17
3.2	COLETA DADOS (CD)	20
3.2.1	Os produtos mencionados na música ‘A Feira de Caruaru’	20
3.2.2	A história e o estado de comercialização dos produtos	23
3.2.3	O Contexto da música apresentado no Museu do Mercado de Farinha	27
3.3	CRIATIVIDADE (C)	28
3.3.1	O uso de colagens digitais como suportes culturais.....	28
3.3.2	Referenciais visuais e conceitos	29
3.3.3	Geração de texturas e elementos de apoio.....	31
3.3.4	Construção	32
4.	DETALHAMENTOS TÉCNICOS E ESPECIFICAÇÕES	35
4.1	VERIFICAÇÃO (V).....	38
4.2	SOLUÇÃO (S)	40
5	CONCLUSÃO	47
	REFERÊNCIAS	48
	APÊNDICE A – Formulário para levantamento de dados <i>Google Forms</i>	49
	Apêndice B -TCLE	70
	Apêndice C - Versões de letras da música ‘A Feira de Caruaru	71
	Apêndice D - Tabela descritiva com produtos da Música	74
	Apêndice E - Colagens ‘A Feira de Caruaru’	79

1 INTRODUÇÃO

A história da “Feira de Caruaru” está diretamente ligada à história da Cidade de Caruaru. Conhecida como a capital do forró, Caruaru também seria reconhecida nacionalmente por sua feira, cantada e eternizada por Luiz Gonzaga, em uma canção que levaria o nome - ‘A feira de Caruaru’ - composta em 1956, por Onildo Almeida, objeto de estudo deste trabalho.

O local que hoje compreende a Cidade de Caruaru era uma porção de terra cortada pelo Rio Ipojuca quando Pernambuco ainda era uma capitania governada por Aires de Souza Castro, quando em 1681 a família fundadora da cidade de Caruaru, os Rodrigues de Sá, recebe dele, a Sesmaria do Caruru. Passados 100 anos, os Rodrigues já haviam estabelecido residência na região, ocupando a sesmaria e fundando a próspera Fazenda do Caruru. Próximo a essa fazenda, foi construída uma pequena capela dedicada à Nossa Senhora da Conceição, pelo administrador e fundador da Fazenda do Caruru, José Rodrigues de Jesus em 1782 (MARQUES, 2012). Graças a capela, começava ali o nascimento do povoado do Caruru, que rapidamente cresceu, passando a Vila do Caruru e logo depois, a Cidade de Caruaru (IPHAN, 2009).

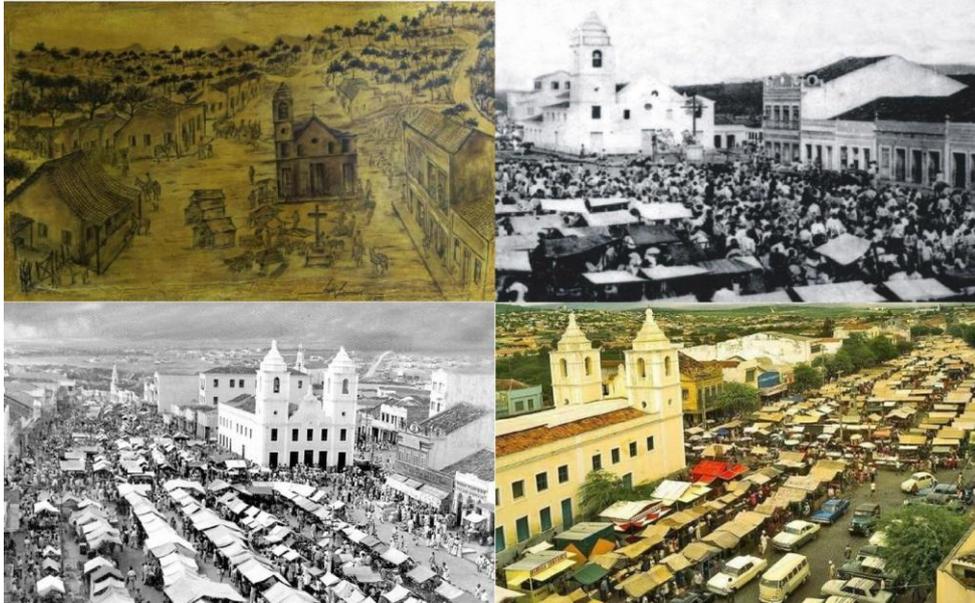
Partindo das suas festas religiosas e da ocupação ao redor da capela, surgiu um pequeno comércio envolvendo compra e venda, e também escambos de mercadorias entre mascates, vaqueiros e tropeiros que iam e vinham do litoral até o sertão. Essa pequena forma de comércio, foi a faísca para o início da Feira de Caruaru e da própria cidade de Caruaru. De acordo com o IPHAN (2009, p. 13) “Caruaru é uma cidade que nasceu da feira, se expandiu e se consolidou junto com ela. Não há como separar uma da outra, tão dependentes entre si, que compõem um todo orgânico, uma verdadeira simbiose”.

A pequena feira foi responsável pela transformação da área central de Caruaru (Figura 1). O que antes era um pequeno povoado, foi crescendo, favorecendo o aparecimento e também o fortalecimento do comércio formal, contribuindo para a consolidação de Caruaru como cidade (IPHAN, 2009). Crescendo na chamada “Rua do Comércio”¹, a Feira de Caruaru foi ficando famosa por vender de tudo, fazendo parte do cotidiano dos seus frequentadores e fortalecendo a relação e ligação de vida dos moradores com a própria feira. “Com o tempo, esse espaço de sociabilidade tornou-se referência na formação da identidade cultural do povo e uma atração

¹ Compreendendo as Ruas 15 de Novembro, 7 de setembro e Martins Junior. A feira no auge da sua ocupação central, ocupou as ruas anteriormente citadas e também: Trav. e Rua da Conceição, Rua São Sebastião, Rua Cap. Luis Reis, Rua Tobias Barreto e Rua dos Guararapes.

para os visitantes, tendo em vista a variada riqueza presente no conjunto material e humano ali exposto” (MIRANDA, 2009, p. 47).

Figura 1: Gravura da capela (dir. superior); Igreja N^a Senhora da Conceição com apenas uma torre e a feira acontecendo no pátio 1920 (esq. superior); Feira de sábado 1950 (dir. inferior); Feira de sábado 1970 (esq. inferior);



Fonte: Gravura de Joselito Vasconcelos, disponível no museu do Mercado de Farinha em 2019, acervo da autora. Igreja de N^a da Conceição, autor desconhecido, acervo da autora, década de 1950, Feira e Igreja de N^a Senhora da Conceição, autor desconhecido, acervo da autora. Feira e Igreja de N^a Senhora da Conceição, autor desconhecido, acervo da autora, 1970.

A feira é um organismo vivo. Até os dias de hoje atrai milhares de pessoas, sejam elas nativas da cidade ou turistas que vêm de vários lugares do Brasil e do mundo para visitá-la. A Feira de Caruaru atualmente não está mais no seu local de origem (Rua do Comercio), tendo sido transferida em definitivo para o Parque 18 de Maio em 1992. Neste novo espaço a feira ganha uma estrutura complexa e cresce exponencialmente, com divisões em várias feiras² e setores dentro da própria feira, contribuindo assim com a ideia de que “de tudo o que há no mundo, nela tem para vender”.

Sobre o solo fértil da Feira de Caruaru, com a troca de saberes e forte identidade cultural, floresceram artistas que ganharam reconhecimento nacional, como Mestre Vitalino, com seus famosos bonecos de barro; Olegário Fernandes da Silva, cordelista com suas rimas e seus

² A feira contemporânea possui setores, que são outras feiras dentro da grande feira. Sendo elas: Feira do artesanato; Feira De Frutas verduras e Cereais; Feira de Ervas e raízes; Feira de gomas, bolos, queijos, doces e castanha; Feira de Animais; Feira e mercado de carnes; Feira de utensílios domésticos; Feira de Flandres; Feira de Ferro velho; Feira do Troca; Feira de Ervas e raízes.

saberes populares; e Onildo Almeida que, que em 1956, comporia sua obra mais famosa, o Baião ‘A feira de Caruaru’.

Por esses e outros motivos, a Feira de Caruaru faz parte da identidade do povo Caruaruense. É difícil encontrar algum nativo que não consuma de alguma forma da feira ou do “ser” parte desse apanhado de sons, cores, texturas, cheiros e saberes. De acordo com Almeida, Nettow e Pillotto (2014) a construção das identidades está diretamente ligada às memórias que embasam “o que sou” a partir do “que foram”. Ainda, os artefatos e sua relação com os modos de fazer e viver, carregam elementos e símbolos representativos de uma identidade.

Assim sendo, o Designer é um profissional capaz de transpor tais símbolos e representações em novas formas de manutenção da memória, para perpetuar culturas e identidades. Almeida, Nettow e Pillotto (2014) reforçam que uma das formas de preservar a memória é por meio da coleção de objetos que contam histórias, normalmente organizados em museus. Ainda, os autores finalizam dizendo que “compreender as funções reais ou atribuídas a cada objeto faz parte do processo de estudo cultural”. Esses estudos do design dos objetos compõem uma relação direta com a própria história do objeto e sua representatividade pautada na memória de cada indivíduo (NETTO; PILLOTTO, 2016, p. 192).

Com base nisso, utilizando de conhecimentos técnicos aprendidos no decorrer do curso design, este trabalho, tanto na sua pesquisa quanto na proposta de projeto, visa fazer um resgate histórico, dentro desse recorte cultural e temporal importantíssimo que é a música ‘A feira de Caruaru’, com a finalidade de preservar uma parte da memória da própria feira, contida neste recorte e memória desses objetos.

1.1 Objetivo geral

Desenvolver colagens que ilustram os produtos mencionados na letra da música ‘A Feira de Caruaru’ de Onildo Almeida, a fim de preservar a memória desses objetos e seus contextos na identidade de Caruaru.

1.2 Objetivos específicos

◆ Compreender o contexto histórico da música ‘A Feira de Caruaru’ e sua relação com a manutenção da memória dos produtos da Feira;

- ◆ Identificar os produtos mencionados na letra original da música “A Feira de Caruaru”;
- ◆ Investigar quais produtos mencionados são menos conhecidos ou estão escassos na Feira de Caruaru contemporânea;
- ◆ Verificar os produtos e colagens com Onildo Almeida, o compositor da música ‘A Feira de Caruaru’.

1.3 Justificativa

De uma rústica e diminuta forma de comércio firmado em frente a uma pequena capela, a feira de Caruaru, passaria com o tempo a ser um dos principais pilares econômicos da cidade de Caruaru. A feira está longe de contribuir apenas economicamente com a cidade, mas é responsável também por ser uma forte representante e viabilizadora da cultura material e imaterial da própria Caruaru e Região, tanto que recebeu em dezembro de 2006 o registro junto ao IPHAN, como Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil.

Nesse âmbito de reconhecimentos e validações sobre sua importância na formação e manutenção cultural, tanto esta pesquisa quanto o projeto que esse trabalho se propõe a entregar, visam contribuir para a manutenção da memória de um recorte extremamente importante dentro da história da Feira de Caruaru e da própria cidade, a música ‘A Feira de Caruaru’, composta em 1956, por Onildo Almeida e eternizada na voz de Luiz Gonzaga, o Rei do Baião.

As músicas costumam carregar consigo significados complexos e contextos culturais que muitas vezes não estão explícitos ou fogem ao entendimento dos que as ouvem, seja por falta de um repertório e contexto cultural que propicie a interpretação ou simplesmente por que os significados implícitos não sejam tidos com tanta relevância por quem ouve. De acordo com Nassif (2015) uma das maneiras de “atribuir sentidos à música a partir de referências externas é estabelecer paralelos entre a estrutura formal musical e a estrutura social em vigor na época em que ela foi composta” (NASSIF, 2015, p.2).

Trazendo isso para o contexto da pesquisa, foi observado que alguns produtos citados na música possuem significados e contextos sociais que são muito ricos em informações sociais e culturais do seu tempo de composição, porém passam sem ser percebidos, ou por que quem ouve não entende ou não conhece o significado, ou por que ouvem, sabem do que se trata, porém se detém a camadas mais superficiais.

Assim, partindo de uma inquietação pessoal sobre como alguns aspectos culturais e locais são deixados sem registo ou representação, e utilizando do repertório de conhecimentos adquiridos durante o processo de formação no curso de Design, assim como de métodos de

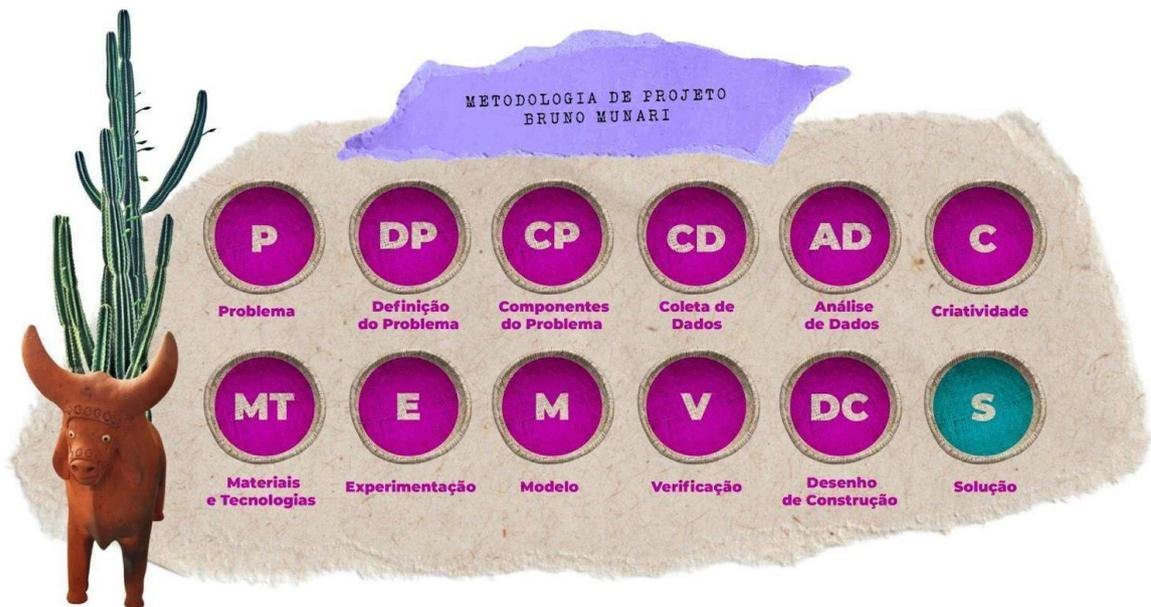
pesquisa e coleta de dados que garantem a impessoalidade, este trabalho tem como um de seus objetivos investigar as transformações observadas na relação entre produtos, dentro do recorte temporal do ontem (1956, quando a música foi composta) e os tempos “de agora”, após significativas mudanças no cenário original da feira. A música não traz apenas uma lista de produtos que eram vendidos em determinada época, ela carrega consigo significados e relatos implícitos, que nos dão uma visão sobre contextos culturais e até socioeconômicos da época.

Na observação dessa importância e nas camadas descritas anteriormente, o presente trabalho traz como contribuição a preservação da memória dos produtos presentes na Feira de Caruaru, através do recorte temporal e contextual da canção de Onildo de Almeida, utilizando de métodos e técnicas do Design como ferramenta de transposição e manutenção dessa memória.

2. METODOLOGIA DE DESIGN

Para execução desse trabalho, foi utilizado o método proposto por Munari (2008). Este método é conhecido por sua abordagem prática, voltada a observar os problemas reais como eles são, a fim de garantir precisão e segurança para que o designer não perca tempo (MUNARI, 2008, p.12). “O método de projeto não é mais do que uma série de operações necessárias, dispostas em ordem lógica, ditada pela experiência, seu objetivo é o de atingir o melhor resultado com o menor esforço” (MUNARI, 2008, p.10). O método é apresentado em 12 etapas que devem ser percorridas de forma sistemática, com a finalidade de solucionar problemas de Design, as mesmas são apresentadas na Figura 2.

Figura 2: Etapas do método de design proposto por Munari (2008).



Fonte: Elaborado pela autora com base em Munari (2008).

Munari, ao demonstrar seu método, admite que o projetista não deve encará-lo como algo imutável, podendo realizar as adaptações que considerar necessárias de acordo com os objetivos do projeto e que melhorem o seu processo (Munari, 2008). Assim, por admitir flexibilidade, esse trabalho seguirá o método de Munari (2008), porém com adaptações voltadas a contemplar a realidade do problema e da solução pretendida (Figura 3).

Figura 3: Etapas do método de design proposto por Munari (2008) e adaptado pela autora.



Fonte: elaborado pela autora com base em Munari (2008).

Mediante as adaptações realizadas, o método seguirá as seguintes etapas: Etapa 1 - Definição do Problema (DP), que contemplará tanto a apresentação geral do Problema (P) como os Componentes do Problema (CP); Etapa 2 – Será aqui chamada de Coleta de Dados (CD), mas que contemplará também a Análise de Dados (AD); Etapa 4 - Criatividade (C), que contempla as etapas de Materiais e Tecnologias (MT), de Experimentação (E) e Modelo (M); Etapa 5 - Verificação (V) que culminará com a Solução (S) do problema do projeto. Abaixo, é possível observar a descrição das ferramentas e técnicas utilizadas em cada fase do método (Quadro 1).

Quadro 1: Fases, ferramentas e instrumentos realizados no desenvolvimento projetual.

Fase	Ferramentas e instrumentos utilizados
Definição do Problema (DP)	Pesquisas e visitas prévias foram realizadas para identificação e confirmação do problema, culminando com uma lista de componentes do problema.
Coleta de Dados (CD)	<ul style="list-style-type: none"> ● Leitura e audição da música ‘A Feira de Caruaru’ a fim de levantar os produtos mencionados; ● Aplicação de entrevistas estruturadas e semiestruturadas; ● Observação assistemática e registro fotográfico em campo realizadas na Feira de Caruaru e nos Museus da cidade; ● Aplicação de formulário em meio digital utilizando o <i>Google Forms</i> (Apêndice A) para investigar o desconhecimento dos objetos mencionados na música ‘A Feira de Caruaru’; ● Pesquisa de material complementar em meios digitais; Realização da filtragem dos dados coletados;

	<ul style="list-style-type: none"> Definição dos produtos a serem ilustrados com base nos dados da pesquisa por formulário e também utilizando o critério de observações na pesquisa de campo;
Criatividade (C)	<ul style="list-style-type: none"> Definição do conceito e diretrizes do projeto. Elaboração de painel com os referenciais visuais; Geração Alternativas com utilização de software de manipulação digital para edição de imagens e adição de textos (Adobe PhotoShop); Utilização de Inteligência artificial para geração de boa parte dos personagens humanos e de alguns outros elementos (Criador de imagens <i>Bing - Microsoft</i>). Experimentações com papeis e tecidos, utilizados na criação de texturas e sobreposições visuais;
Verificação (V)	<ul style="list-style-type: none"> Avaliação das colagens por Onildo Almeida. Todas as ilustrações foram mostradas e tiveram seus contextos descritos e reafirmados de acordo, tanto com o que foi passado oralmente por ele, assim como as “licenças poéticas/ criativas” que foram utilizadas durante a execução dos modelos.
Solução (S)	12 Foto Colagens finalizadas com base nos direcionamentos sugeridos na etapa de verificação.

Fonte: Elaborado pela autora com base em Munari (2008).

Cabe salientar que foram tomados os devidos cuidados éticos com relação aos levantamentos realizados com seres humanos, tendo sido recolhida a assinatura do autor da música (Apêndice B) ou o aceite de participação da pesquisa aos sujeitos envolvidos nas fases de Coleta de Dados e de Verificação. A partir dos procedimentos metodológicos apresentados, organizou-se os itens presentes no tópico seguinte, de desenvolvimento projetual.

3. DESENVOLVIMENTO PROJETUAL

3.1 Definição do Problema (DP)

De acordo com Munari (2008), a correta definição do problema é o ponto de partida para se alcançar a solução, e este deve ser identificado de forma clara, assim como os limites que nortearão as ações do próprio Designer. Assim, como ponto de partida, definiu-se como problema a seguinte questão: **os produtos mencionados na letra da música ‘A Feira de Caruaru’ ainda são encontrados e entendidos de acordo com o seu significado original?**

A partir desse problema, foram realizados diversos levantamentos, entre eles: a leitura e audição das versões existentes da música ‘A Feira de Caruaru’; entrevistas com o compositor da canção, Onildo Almeida; Visitas aos Museus da cidade de Caruaru para compreender como esses produtos são apresentados; visitas, observações assistemáticas na feira de Caruaru, observando os produtos disponíveis e conversando com os feirantes sobre seus contextos e histórias. Portanto, para podermos decompor o problema inicial apresentado, é necessário aprofundar algumas questões relacionadas a história da música ‘A Feira de Caruaru’.

3.1.1 A história da música ‘A Feira de Caruaru’

A música ‘A Feira de Caruaru’ é um dos fortes símbolos da cultura imaterial da Cidade de Caruaru. Ela canta sobre um bem cultural de importância nacional, reconhecido e validado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) com o título de Patrimônio Cultural Imaterial Brasileiro, a própria feira de Caruaru. Sendo amplamente divulgada pela voz de Luiz Gonzaga, outro ícone da cultura popular nordestina com visibilidade nacional, a música saiu do campo de expressão cultural e permeou os campos sociais e econômicos, dando visibilidade aquele que vive da feira, o feirante, e também atraindo pessoas que vêm de todos os lugares para conhecer a feira que promete vender de tudo que há no mundo.

Em 1956, um jovem compositor Caruaruense, compõe e dá vida a sua obra mais famosa: a música “A Feira de Caruaru”. O Jovem em questão, era Onildo Almeida, um dos filhos mais ilustres de Caruaru. Em entrevista concedida durante a primeira fase desse trabalho, “Seu Onildo”, já um senhor de 95 anos, carismático e cheio de memórias significativas, forneceu um rico relato sobre como era a Cidade de Caruaru e a própria feira na década de 1950, o que nos dá uma melhor compreensão do cenário cultural e social da época.

Entusiasta da feira, o compositor começou a observá-la desde menino. Durante suas visitas com olhar atento, passou a perceber a peculiaridade de alguns produtos comercializados e a forma como era tida a relação de consumo dos próprios compradores com a feira e seus produtos. Sempre com alma de compositor, já na fase adulta e após uma pesquisa de produtos e minuciosa curadoria, Onildo Almeida compõe no ano de 1956 “A Feira de Caruaru”, usando rimas com palavras e produtos vendidos na feira, que tivessem com a terminação em “U” e rimassem entre si. A primeira execução pública da música foi feita pelo próprio compositor, em um domingo e de forma improvisada, no final do programa “Expresso da Alegria” da Rádio Difusora, onde trabalhava como técnico de som e produtor de alguns programas da rádio. Tendo sido considerada um sucesso por todos que estavam lá, a música foi executada por 3 vezes consecutivas na oportunidade, e como relata Onildo Almeida, ele só não cantou mais pois o horário do programa acabou.

Por ser um “Baião”, o compositor relata ter empreendido uma árdua jornada na busca da voz que gravaria e daria vida à canção. Dirigindo-se então para Recife, ele conta ter passado uma semana procurando alguém que pudesse gravar a música, chegando a cogitar até o cantor Jackson do Pandeiro, porém ele estava no Rio de Janeiro na oportunidade. Esbarrando na falta de opções, encontra Genival Macedo, diretor da gravadora Copacabana, em sua loja, e relata sua dificuldade de encontrar um intérprete de baião, sendo no momento o único intérprete e criador do estilo, o Rei do Baião - Luiz Gonzaga. Onildo Almeida acrescenta que na época, com a novidade do estilo, imponência da voz e sucesso feito por Gonzaga, não havia quem quisesse fazer frente a ele. Neste episódio, a conversa termina com Genival convencendo Onildo a gravar a sua própria composição, o que foi feito ainda em 1956, sendo um sucesso. O compositor relatou durante a entrevista que foram vendidas mais de 11 mil cópias de discos, só em Caruaru, em um período de 8 meses.

Não muito tempo se passaria até que nas dependências da Rádio Difusora, “A feira de Caruaru” ganharia um novo e importante capítulo. O irmão de Onildo Almeida, José Almeida, que na ocasião também trabalhava com ele no operacional da rádio, colocou o disco do seu irmão para tocar. Neste mesmo momento, Luiz Gonzaga, “O Rei do Baião”, estava andando pelos corredores enquanto aguardava para se apresentar ao vivo no auditório da rádio. Luiz Gonzaga então, ouve a música ainda na voz de Onildo Almeida sendo executada em segundo plano. O encantamento foi instantâneo, segundo relata o compositor. Gonzaga então se dirigiu até a discoteca da rádio e parando em frente a vitrola de braços cruzados, indaga - “Isso é seu, Caboclo?” perguntando sobre o disco. O irmão de Onildo, José, diz que a música pertence a seu irmão, também presente na sala. Onildo Almeida se apresenta e Luiz Gonzaga pede

permissão para regravar a música, o que acontece um ano depois, em 1957, no centenário de Caruaru. A música foi um sucesso. Onildo relata que dentro de 8 meses, foram vendidas mais de 100 mil cópias do disco, um feito raro, se não inédito para a época (Figura 4).

Figura 4: Registros dos encontros entre Onildo Almeida e Luiz Gonzaga.



Fonte: Luiz Gonzaga e Onildo Almeida, O Fole Roncou, ano desconhecido. Onildo Almeida e Luiz Gonzaga cantam juntos, autor desconhecido, ano desconhecido. Luiz Gonzaga e Onildo Almeida, foto originalmente publicada no livro “O Fole Roncou”, de Carlos Marcelo e Rosualdo Rodrigues, ano desconhecido.

A partir da compreensão desse contexto histórico, o problema inicial foi decomposto, sendo identificados como subproblemas:

- A carência, nos principais museus da cidade, de representações que levem em conta o contexto histórico, social e cultural da música, sendo os acervos sobre a música exibidos de forma descontextualizada com a época de sua composição;
- A carência ou escassez de exemplares originais ou representativos dos produtos mencionados na música em determinados acervos;
- Desconhecimento sobre o contexto histórico em que ocorreu a composição da música e sobre a própria música por parte de alguns guias e funcionários que trabalham nos museus da cidade;
- Diferenças encontradas nas versões da música criadas a partir da versão original, com alterações de alguns produtos mencionados;
- Crescimento da feira e a interferência de produtos importados que causaram a descontinuação da produção e comercialização de alguns produtos mencionados na música, seja por mudanças nos hábitos de consumo ou por outros fatores externos;
- Desconhecimento do público em geral sobre muitos dos produtos mencionados na música e a inevitável perda dessas referências pela diminuição de contato

com esses produtos, que hoje já não são mais comercializados, e que já não fazem mais parte do contexto cultural da cidade.

Assim, a partir dos subproblemas identificados, foram conduzidas as fases de coleta e análise de dados, a fim de compreender melhor essas relações, dando base para a produção de uma solução que auxilie na solução dos problemas identificados.

3.2 Coleta de Dados (CD)

Conforme apresentado na metodologia do projeto (Quadro 1), esta etapa compreendeu a junção das etapas de Coleta de Dados (CD), onde foi realizada uma série de levantamentos por meio de formulário, entrevista e visitas à campo, e também a etapa de Análise de Dados (AD).

3.2.1 Os produtos mencionados na música ‘A Feira de Caruaru’

A música foi composta partindo da observação da própria feira e de uma pesquisa sobre os produtos comercializados nela, sendo escolhidos para a composição, os que tivessem a terminação em “u”, assim como a palavra “Caruaru”. Também foram utilizados alguns termos que respeitam o contexto original de comercialização dos produtos e que garantiram a rima e o fechamento de cada verso da música, como podemos observar nos casos: “Tabaquêro feito de chifre de boi zebu”; “Carça de arvorada que é pra matuto não andá nú”; “baliêra, mode minino caçá nambu”; “Pirão mixido que nem angú”; “mubia de tamburête, feita do tronco do mulungú”; “Sorvete de raspa que faz jaú”, e por fim “Bunecos de Vitalino que são conhecidos inté no Sul”.

Devido a grande quantidade de produtos que não se repetem (exceto nas partes de BIS), assim como a grafia - que no primeiro momento pode ser confundida como erros de português, mas que foram utilizadas propositalmente como recurso para retratar a fala oral do momento, dentro do contexto da feira, feirantes e compradores, - surgiram algumas versões para mesma música, das quais esse trabalho contemplará apenas duas, sendo elas a versão original e a versão cantada por Luiz Gonzaga (Apêndice C).

Em entrevista concedida, Onildo Almeida conta que no caso da versão cantada e gravada por Luiz Gonzaga, houve a diferenciação devido à dificuldade de memorização por parte do intérprete, assim como a possibilidade e liberdade de improviso, como podemos observar ainda na segunda estrofe da música, no segundo verso, com o produto “batata assada”, que por não lembrar que o produto certo seria a castanha assada, Luiz Gonzaga substitui e gera

uma nova versão. A batata assada não tem contexto de comercialização na época. Hoje é possível encontrar “batata frita” no cardápio de alguns comerciantes da feira de refeições prontas, porém, como diz o próprio compositor, não era um produto vendido na época.

Ainda na versão cantada por Luiz Gonzaga, foi acrescentada uma nova estrofe, fazendo uso da licença poética. Ela pode ser encontrada entre a 3ª e 4ª estrofe da original, onde foram acrescentados dois novos versos: “Na Feira de Caruaru, tem coisa pra gente vê”, seguidos pela repetição da segunda parte da primeira estrofe/ refrão; “de tudo que *ai* no mundo, nela tem pra vendê”. Essas intervenções, assim como a dificuldade de interpretação dos produtos originais, criam a cada dia outras subversões da original ao passo que ao mesmo tempo que enriquece, descaracteriza a composição original e seu contexto. A partir da análise da versão original da música e das pesquisas realizadas, foram extraídos 52 produtos, os quais são apresentados com mais detalhes no Apêndice D.

Para auxiliar na identificação do nível de conhecimento do público em geral sobre os produtos mencionados na música, foi realizado um levantamento via formulário *online* onde, para cada respondente, foi apresentada a letra original da música na íntegra e uma lista por ordem alfabética dos 52 produtos mencionados na composição. A finalidade deste levantamento foi entender quais dos produtos eram conhecidos por todos, independente da sua região geográfica e cultura local.

Disponibilizado em redes sociais pessoais, o questionário foi compartilhado por link com a solicitação para resposta, identificado se tratar de uma pesquisa acadêmica. O Questionário estava dividido em seções que conduziam o respondente a fornecer dados como: primeiro nome; escolaridade; localidade; conhecimentos prévios tanto sobre a região Nordeste como ao próprio objeto de estudo; culminando com a apresentação contextualizada ao objeto de estudo e desmembramento total música, dispondo cada produto mencionado em lista, onde os participantes puderam assinalar quais produtos estavam familiarizados.

Foram obtidos como resultados, respostas de 65 pessoas de várias regiões do Brasil, das quais grande maioria é domiciliada na região Nordeste e na própria cidade de Caruaru, o que forneceu entendimento sobre a questão de identificação dos produtos e seus significados de uma forma mais generalistas, mas muito mais dentro de um contexto regional. Assim, a partir do formulário aplicado e das visitas *in loco* realizadas na Feira de Caruaru contemporânea, foram aplicados os seguintes critérios para definição de quais produtos a serem trabalhados nas colagens:

- **Maior incidência de desconhecimento e não identificação dos produtos entre os participantes**, sendo eles por ordem de relevância: (1) “Caneco acuvitêro”, com 67,7% dos apontamentos; (2) “Tolrdas” com 66,2%; (3) “Cuêi-Tatu” com 64,6%; (4) “Mubia de tamburête” com 43,1%; (5) “Carça de Arvorada” com 41,5%; (6) “Baliêra” com 29,2%; (7) “Gréia” com 24,6%; (8) “Quento” com 21,5%; (9) Tabaquêro com 20%; (10) “Fruta de Paima e Mandacaru”³ ambas somadas com 18,4% ; (11) “Mé de Uruçú” com 10,8%; (12) “Cururu” com 9,2%; (13) “Sorvete de Raspa” com 9,2%.
- **Extinção ou escassez**: Esse critério foi aplicado com base na observação da oferta dos produtos nos levantamentos de campo realizados na feira contemporânea. Sendo extinção para produtos que não são mais comercializados, seja por modernização dos hábitos de consumo com descontinuação do uso ou regulamentação ambiental, e a escassez, nos casos onde o produto está caminhando para extinção, tratando-se de um produto de comercialização sazonal ou comercialização sob demanda. São os produtos separados pelos critérios de extinção ou escassez: “Bunecos de Vitalino”; “Carça de Arvorada”; “Cuêi-Tatu”; “Tamanco”, “Fruta de Paima e Mandacaru”; “Mubia de tamburête”; “Sorvete de Raspa”; “Mé de Uruçú”;
- **Desconhecimentos por uso de grafia ou licença poética**: esse critério teve como finalidade, nivelar e dar destaque aos produtos que de alguma forma contribuem mais densamente com a cultura, em detrimento de produtos que possuem comercialização abundante na feira ou em qualquer comércio do tipo, porém não foram reconhecidos na pesquisa por causa da grafia utilizada na música ou que foram adicionados por licença poética. Assim, foram excluídos os produtos: “Quento”, tratando-se de coentro, um tempero largamente usado na culinária brasileira e nordestina; “Gréia”, que trata de uma grelha, utilizada para grelhar alimentos; “Mé de uruçú” (mel de uma abelha chamada Uruçú⁴) e “Cururu”, tendo em vista que não era um produto comercializado na Feira na época, tendo sido utilizado por licença poética.

³ As porcentagens deste item foram somadas por ocasião de aparecerem juntas na música se referindo ambas aos frutos das espécies. No Formulário do *Google Forms* foram dispostas separadamente respeitando a ordem alfabética.

⁴ Essa abelha produz mel coletando o néctar de apenas uma espécie de planta, o que reflete na sua comercialização, por ter baixa oferta.

Com isso, utilizando os critérios de eleição ou exclusão mencionados anteriormente, foram definidos 11 produtos em seus trechos da música para a elaboração das colagens, sendo eles:

1. Caneco acuvitêro;
2. Mubia de Tamburête feita do tronco do mulungú;
3. Tabaquêro feito do chifre do boi zebu;
4. Baliêra mode minino caçá nambu
5. Sorvete de Raspa que faz jaú
6. Bunecos de Vitalino que são cunhecidos inté no sul
7. Cuêi- Tatu;
8. Fruta de Paima e Mandacaru;
9. Tamanco
10. Tolrdas
11. Carça de Arvorada que é pra matuto não andá nú

Somando-se as colagens representativas desses produtos, foi criada uma colagem intitulada “ A feira de Caruaru”, com a finalidade de representar tanto a Feira de Caruaru, como a própria música. Assim sendo, esse projeto entregará 12 colagens digitais que pretendem resgatar e manter a memória dos produtos anteriormente mencionados.

3.2.2 A história e o estado de comercialização dos produtos

A partir dos 11 produtos identificados, os mesmos serão aqui descritos para melhor entendimento de cada um dos produtos escolhidos, sendo apresentado tanto o contexto original de sua menção na composição da música, como a situação de comercialização dos mesmos na Feira de Caruaru contemporânea.

A “**Baliêra mode minino caçá nambu**” no contexto original da música, é um dos produtos que possuem grafia alterada. O verdadeiro nome é Baleadeira, ou para alguns, baleeira, estilingue ou badoque. A Baleadeira pode ser considerada uma arma de caça, utilizada por adultos na caça de pequenos animais e por crianças em brincadeiras de tiro ao alvo. Nesse caso, é feita a partir de graveto em forma de Y, com um pedaço de borracha altamente maleável e elástica, o que ao ser esticado, assume a função semelhante a uma catapulta de mão. Dentro deste recorte da música, a “baleadeira para menino caçar” é utilizada para a caça de pequenos animais, nesse caso o nambu, ou lambu/Inhambu. Uma pequena ave, comumente achada na

região naquela época. O produto ainda pode ser encontrado em comercialização na feira, sendo comumente encontrado tanto na feira de artesanato como na feira de utilidades domésticas.

Os “**Bunecos de Vitalino que são conhecidos até no Sul**”, trata-se da arte figurativa de Vitalino Pereira dos Santos, conhecido por Mestre Vitalino, que é o criador dos “Bonecos de Vitalino que são conhecidos até no Sul”. Os bonecos são esculturas feitas em barro, que inicialmente, segundo relatou Onildo Almeida, eram confeccionadas e comercializadas como brinquedos para crianças, tendo o mesmo, sido assíduo consumidor do produto mais famoso de Vitalino: “O Boi de Barro”, ou “Boizinho”. As obras de Vitalino acabaram caindo nas graças dos apreciadores de arte de várias regiões do país graças ao também Pernambucano, Abelardo Rodrigues, um colecionador de artes radicado no Rio de Janeiro (IPHAN,2009), local que era e ainda é comumente chamado de “Sul” por pessoas mais idosas. Com isso, Abelardo torna as obras de Vitalino “conhecidos até no Sul”. Embora o início da prática de venda dos bonecos tenha sido feito na feira, tanto por Vitalino como pelos artesãos que trilharam seu caminho, hoje não existem mais exemplares originais sendo comercializados, porém seus descendentes ainda praticam o ofício e assinam suas peças sinalizando de alguma forma o seu parentesco.

O **Caneco acovitêro** é responsável por um dos relatos mais ricos em contextos sociais e econômicos da composição. O Caneco Acovitêro é uma espécie de lamparina. Na época, confeccionada a partir de latas de metal provenientes do reuso de embalagens de comidas enlatadas. Possuindo o formato e dimensões semelhantes à de uma caneca, a lamparina possui uma pega (asa), e na parte de cima, uma tampa feita do mesmo material, com um pavio de algodão. Dentro do recipiente é depositado o combustível, geralmente querosene. Seu contexto retrata e remonta a década de 1950, numa época onde o acesso a luz elétrica era privilégio apenas para alguns moradores da região. O termo “acovitêro” é na verdade “alcoviteiro”, fazendo menção àquele que alcovita ou esconde algo. Comum também a essa época, era o costume em que casais tinham o mínimo contato possível durante o período de cortejo que precedia o casamento. Sendo assim, o rapaz sempre era o responsável por procurar a moça nos moldes morais da época, dirigindo-se à casa dos pais dela para que o contato se desse sob a supervisão deles. Chegando na casa, o rapaz era convidado a entrar e o encontro acontecia num cômodo comum da casa, onde sobre uma mesa estava o “caneco acovitêro”. O encontro então se dava iluminado pela chama e ferrenha observação atenta da mãe da moça, que em caso de precisar se ausentar, ainda que por pequenos instantes, deixava o casal avisado sobre não se exceder no contato físico, deixando-os a sós, monitorados apenas pelo ‘caneco acovitêro’, que por sua vez, testemunhava o que ali acontecesse e guardava para si, “alcovitando” o casal. O

produto ainda pode ser encontrado com facilidade em três pontos da feira: na feira de artesanato, na feira de utilidades domésticas e na feira de flandres⁵ e metais.

A **‘Carça de Arvorada’** que é pra matuto não andá nú, como o próprio nome diz, era calça destinada ao uso dos ‘matutos’, um termo pejorativo para moradores da zona rural, que vinham comercializar seus produtos na feira. A “calça de alvorada” não é mais encontrada para venda na feira moderna na sua configuração original. Onildo Almeida relata que o tecido Alvorada é semelhante ao jeans contemporâneo, porém com uma aparência de lona, sem qualquer tratamento que lhe conferisse maciez. A calça era usada comumente pelos agricultores por sua resistência, permitindo que o agricultor a usasse durante a semana nos seus afazeres do campo, e que chegando o final de semana a calça se apresentaria como nova após ser lavada. Onildo relata que a calça era comercializada em dois tons, um azul claro e outro um tom de cinza escuro, que era conhecido por ‘pólvora com farinha’. Não foram encontrados registros do termo alvorada referente ao tecido, mantendo-se desconhecida a origem do termo.

O **“Cuêi-Tatu”**, ao contrário do que o nome sugere para algumas pessoas, o produto não era algum animal. O **“Cuêi-Tatu”**, que na verdade se chama ‘caititu’ é mais um dos produtos que tiveram sua grafia alterada para preservar o costume de fala da época. O caititu, segundo relatou o compositor, se trata de um rebolo de madeira cravejado com serras de metal que é utilizado na produção de farinha de mandioca. O rebolo é o responsável por moer a mandioca, no processo de preparo da farinha. Durante a pesquisa de campo, foi utilizado o termo conforme a música (Cuêi-tatu) e Caititu, porém ainda assim foi encontrada certa dificuldade na compreensão do que se tratava, só tendo sido encontrado após contextualizar a função a qual se destina a ferramenta. O exemplar foi encontrado à venda na Feira do Troca, no início dessa pesquisa, em 2019. Mesmo sendo um exemplar elétrico, diferente em funcionamento em comparação aos comercializados na época, ele conservava a aparência similar ao de uso manual. Com a retomada e validação da pesquisa no início de 2024, o Caititu não foi mais encontrado, sendo ele escolhido para elencar as colagens justamente por estar em processo de extinção.

A **Fruta de paima e Mandacaru**, se refere ao fruto da palma e do mandacaru, duas espécies de cactos bastante comuns na região da caatinga e sertão. As frutas da Palma e mandacaru são sazonais, sendo a sua safra entre o final e o começo de cada ano. Elas possuem aparência distinta, sendo a fruta de palma de porte médio e possuindo uma casca espessa com

⁵ Flandres é um tipo de liga metálica utilizada na fabricação de utensílios domésticos, embalagens e calhas. Neste setor da feira são fabricados portões para residências, calhas, grelhas e painéis.

a presença de pequenos espinhos, enquanto a fruta de mandacaru também possui tamanho médio, se assemelhando em aparência a um tomate, com casca lisa e de cor vermelho-arroxeadada. Durante os levantamentos de campo, e a partir de consulta sobre disponibilidade, os produtos não foram encontrados na feira moderna, podendo-se supor que não encontram mais contexto de venda.

A **‘Mubia de tamburête’ feita do tronco do mulungu** são móveis para casinha de bonecas feitas em madeira de mulungu, reproduzindo em miniatura o mobiliário comumente encontrado em boa parte das casas da época. O Mulungu é uma árvore de madeira macia, que pode ser facilmente manipulada. Hoje não é mais possível encontrar o produto na feira com essa composição. Em entrevista a Carmen Lúcia, comerciante da feira de artesanato, nos conta que a madeira de mulungu não pode mais ser usada por estar sob proteção do IBAMA (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente). O mobiliário em miniatura ainda pode ser encontrado em alguns comércios dentro da feira de artesanato, confeccionado em outro material, porém com forte indicativo de que sumirá em pouco tempo.

O **‘Sorvete de Raspa’ que faz jaú** ainda pode ser encontrado na feira moderna, porém não sendo mais comercializado em tendas, mas em carrinhos de mão. Comumente conhecido como *“raspa-raspa”*, o sorvete de raspa é feito de flocos de gelo bem pequenos, e algum preparo de frutas ou outro líquido de sabor adocicado. Onildo Almeida conta que o sorvete era servido nas tolrdas e era famoso por sujar as roupas e por derreter muito rápido. Na época em questão, não existiam os descartáveis como temos popularmente hoje em dia, o consumo do sorvete de raspa era feito no local da sua comercialização, com a devolução do copo de vidro em que era consumido ao comerciante. Questionado sobre o termo ‘jaú’, Onildo conta que essa era a forma como o produto era conhecido, podendo ser chamado apenas de “jaú”.

O **Tamanco** foi apontado como um produto popularmente conhecido, porém ele foi eleito para representação pois a sua produção e comercialização estão em processo de extinção. Trata-se de um calçado feito com palha trançada, tiras de couro ou lona, com solado em madeira, destinado ao uso feminino. No início desta pesquisa, durante o levantamento na feira contemporânea, ainda que de forma diminuta, era possível achar o tamanco de madeira sendo comercializado em alguns estabelecimentos dentro da feira do artesanato. Com a retomada e validação da pesquisa, foi feita uma nova observação sobre os produtos vendidos na feira e só foi possível encontrar em um único local, com uma grade de numeração infantil e um triste relato do comerciante sobre como o ofício está se perdendo. Segundo ele, isso se dá devido à morte dos produtores mais antigos e a rejeição das novas gerações pelo ofício, combinados com limitações impostas pelo IBAMA (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente) para o uso da

madeira que comumente era empregada na confecção dos tamancos, caminhando assim, para a extinção.

O **‘Tabaquêro’ feito do chifre do boi zebu** é na verdade um ‘tabaqueiro’, uma espécie de recipiente feito a partir do chifre do boi com a finalidade de guardar ‘rapé’, ou torrado. O rapé era comumente consumido por aspiração, conduzindo uma pequena porção do pó as narinas com a promessa de curar doenças respiratórias e limpar as vias aéreas, graças aos espirros provocados pelo próprio pó durante o processo de inalação, relata Onildo. Ele conta que o recipiente era confeccionado utilizando a ponta do chifre, sendo fechado por uma pequena tampa de madeira. Sendo um dispositivo portátil, cabendo dentro de qualquer bolso. O Produto não foi encontrado nem na feira nem em acervos dos museus, tendo aqui sido construída a representação do mesmo de acordo relatos do próprio Onildo Almeida.

O verso que retrata o **Almoço feito nas ‘Tolrdas’, pirão mixido que nem angu** traz na sua composição um dos termos menos assimilados na música, as ‘Tolrdas’. Comumente chamadas de ‘tordas’, trata-se de tendas ou barracas, onde são dispostos vários itens destinados à venda e troca (LEAL, 2016) onde boa parte dos produtos eram comercializados na época em que a música foi composta, sendo comumente utilizadas até hoje na “Feira Grande”, feira essa que deu origem a feira como ela é hoje e que ainda é realizada aos sábados. As tolrdas eram feitas em madeira, com uma espécie de mesa cercada por quatro hastes para disposição e cobertura por lonas, muitas vezes coloridas, porém também podiam ser encontradas apenas na forma de estrados de madeira. Eram também consideradas como tolrdas as comercializações onde as ofertas dos produtos eram feitas sobre o chão.

3.2.3 O Contexto da música apresentado no Museu do Mercado de Farinha

Somam-se aos problemas anteriormente relatados, o diminuto acervo disponível relacionado tanto a história da própria feira quanto ao marco que é a música, em todos os museus da Cidade. Em 2019, o Museu do Mercado de Farinha, um prédio de feições centenárias, construído em 1924, que testemunhou e participou ativamente da história da feira, ainda possuía o seu acervo voltado a contar a história geral de Caruaru de uma forma mais detalhada. Na sessão dedicada a feira, o museu contava com painéis, maquetes da ocupação da feira no Parque 18 de Maio, fotografias de várias épocas da feira, uma pequena sessão apresentando uma versão da música que não é a original, e uma pequena banca feita em madeira com alguns produtos, simbolizando uma “Tolrda” (Figura 5), onde eram comercializados alguns produtos da feira.

Em uma visita recente às instalações do museu para conclusão dessa pesquisa, o acervo já não era o mesmo (Figura 5), nem a disposição das informações. O que antes já tinha uma apresentação modesta, agora sofre ainda mais com a descaracterização, ação do tempo e o pouco cuidado dos órgãos responsáveis pela manutenção da cultura e do próprio local.

Figura 5: Comparação entre acervos disponíveis nos anos de 2019 e 2024



Fonte: Elaborado pela autora (2024)

Como é possível observar na imagem, é notável a redução de elementos que compõem a essa representação da “Tolrda”.

3.3 Criatividade (C)

Como descrito no Quadro 1, dentro da metodologia de design, essa fase aglutinará as etapas de Criatividade (C); Materiais e Tecnologias (MT) e Experimentação (E).

3.3.1 O uso de colagens digitais como suportes culturais

A foto colagem, ou *collage*, nasce nas primeiras décadas do século 20 como um passo fundamental na história da arte do ocidente (IWASSO, 2010). Experimentada inicialmente por Pablo Picasso e Georges Braque dentro do Cubismo, ela era explorada como uma nova forma de expressão gráfica, inaugurando pelo movimento, uma nova era, com uma outra forma de ver mundo, que até então, estava acostumado as representações clássicas nas artes visuais dos séculos anteriores (GONÇALVES, 2017). Também, é válido ressaltar que “A partir do cubismo, a colagem ganha espaço como procedimento de criação de imagens e influencia expressões do universo artístico como as realizadas pelos dadaístas e surrealistas e do design gráfico, algumas décadas depois, no contexto do pós-modernismo.” (OLIMPIO e CAMPOS,

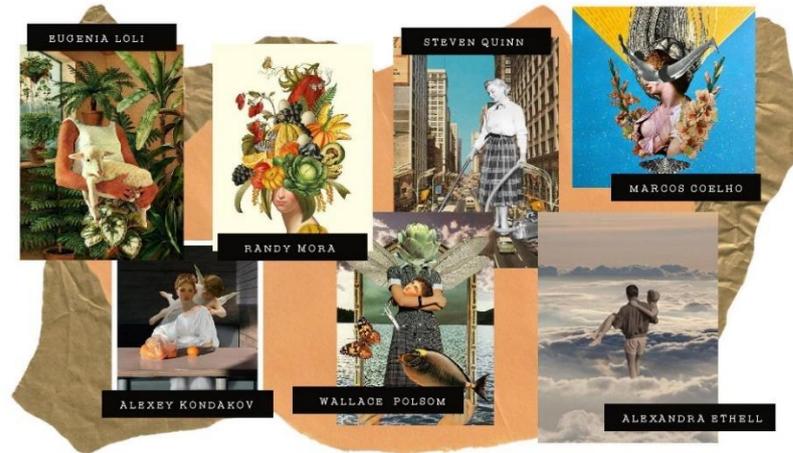
2016, p. 4421). Esses mesmos autores, nos apresentam a colagem/ fotocolagem como expressão gráfica que consiste numa “remixagem” de imagens. Semelhante às técnicas empregadas na criação de novas músicas e sons por DJs, onde existe o emprego de ações como cortar e colar trechos, sobrepondo-os a outras composições, além da possibilidade de intervenções mais expressivas, com aplicação de efeitos e distorções, criando assim uma nova obra com novos significados. A colagem ou mixagem de imagens “propõe uma visualidade construída a partir de elementos díspares cuja lógica difere bastante de produções nas quais reinam a clareza e a objetividade das imagens e visa corporificar o imaginário em uma superfície” (OLIMPIO e CAMPOS, 2016, p. 4419).

Iwasso (2010) fala sobre como o avanço tecnológico digital tornou ações como “recortar”, “copiar” e “colar” em algo totalmente familiar, ocasionando na geração de um novo modo de relacionamento com a informação visual. Lupton (2008) acrescenta que toda vez que o designer copiar ou remover uma imagem ou frase e a dispor em um novo lugar, estará fazendo uma “colagem”. Assim, fazendo o uso da estética vanguardista e disruptiva permitida pela técnica de *collage*, o designer gráfico pode se valer dos seus atributos, juntamente com a aplicação de fundamentos do próprio design gráfico que orientarão a construção de projetos que carreguem consigo fortes valores técnicos e culturais. Para a materialização dessa pesquisa, graças à plasticidade da técnica de colagem, permitindo a livre experimentação entre cores, texturas e proporções para a criação de uma narrativa visual, serão criadas 12 colagens digitais contendo a mixagem de fotografias, ilustrações botânicas que possuem contexto com a própria feira, produtos ou região, assim como texturas e cores.

3.3.2 Referenciais visuais e conceitos

Com o intuito de dar suporte ao processo criativo de ideação, foram levantados artistas e profissionais nacionais e internacionais que atuam na produção de colagens, digitais ou físicas, como é possível observar na Figura 6.

Figura 6: Painel com referências visuais de colagistas nacionais e internacionais.



Fonte: Elaborado pela autora com base nos trabalhos dos colagistas Eugenia Lolo, Randy Mora, Steven Quinn, Marcos Coelho, Alexey Kondakov, Wallace Polsom e Alexandra Ethell

Com base no levantamento anterior, a obra do designer gaúcho Marcos Coelho foi escolhida como referência visual para a materialização deste trabalho. Marcos utiliza tanto técnicas de colagem físicas como digitais. No seu perfil no *Instagram*, com o usuário @_mrczz, ele compartilha seus trabalhos e processos, assim como inspirações para construção das suas peças. Marcos aborda temáticas distintas, que vão desde os seus gostos musicais e personagens culturais até política e questões sociais, mostrando assim, as possibilidades e pluralidade da técnica em servir de suporte para transmitir e preservar significados. Com isso, foi elaborado um painel com as referências visuais de trabalhos de Marcos Coelhos (Figura 7) que deram suporte inicial para definições e dos possíveis caminhos para a geração das colagens.

Figura 7: Painel obras do Colagista Marcos Coelho.



Fonte: Elaborado pela autora (2024)

Partindo disso e tendo sido estabelecidas as referências visuais, a ação seguinte foi a sistematização para sintetizar visualmente os produtos descritos na música, seus contextos e todos os dados pertinentes que foram gerados no processo de pesquisa. Em 3 passos, iniciou-se a síntese visual:

Passo 1 - Definição de conceitos e estética; foi definido que a estética “retrô” seria adotada como conceito central em todas as peças criadas nesse projeto. A escolha está baseada no recorte e favorecimento temporal que a música fornece, por se tratar de uma composição da década 1950, criando unidade entre o contexto original da canção e o resultado desse projeto.

Passo 2 - Levantamento e curadoria de material: Nesse momento, foi identificado um outro problema, a baixa oferta de imagens de personagens humanos que estivessem inseridos no contexto da música. Para contornar o problema, foi utilizada a criação de imagens de personagens humanos por meio inteligência artificial, fazendo uso de *prompts* eficientes e livres de direcionamento que pudessem incorrer na apropriação ou uso proposital da estética ou obra artística de alguém. Solucionado o problema, também através de pesquisa em acervos físicos e digitais, foram separadas imagens que pudessem ser usadas nas composições, e que tivessem valor estético “retrô”, como mencionado anteriormente a fim de garantir unidade na estética das composições. Nesse passo, também foram criados todos os suportes visuais que foram amplamente empregados em todas as colagens, como as diversas texturas de tecido e papéis rasgados, amassados ou dobrados, assim como fitas ou caligrafia de palavras.

Passo 3 - Tratamentos digitais e arte finalização: Em posse das imagens de produtos, personagens humanos e figuras de apoio, as colagens começaram a ser montadas, uma a uma, utilizando Adobe Photoshop, que foi destinado tanto ao tratamento das imagens, como a seus recortes e manipulação. Culminando na sua também utilização para construção e finalização de todas as colagens.

3.3.3 Geração de texturas e elementos de apoio

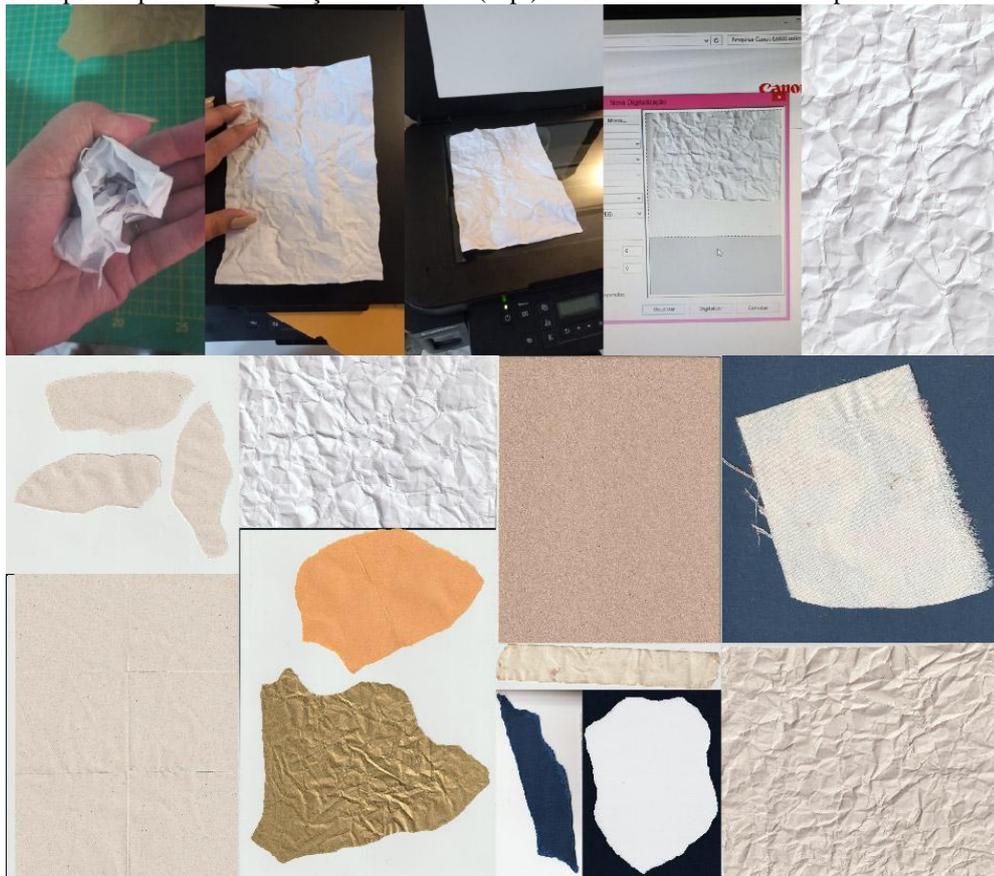
Com o direcionamento estético, foram geradas algumas texturas e elementos de apoio que auxiliaram na composição das peças. Elas foram construídas a partir de materiais de papelaria e algumas amostras de tecido.

Os materiais escolhidos foram: Papel de seda dourado; *Offset* 80G; *Slimbook* (Avena) 80G; *Color Plus* 180G; Papel *Craft* 220G; Papelão *Holler* 1mm; Papel Madeira Amarelo 80G; Tecido plano e fita crepe adesiva. Após seleção dos materiais listados anteriormente, foi

iniciada a manipulação e tratamento para que virassem suportes na construção das colagens. O processo de manipulação deste material de apoio se deu de forma manual, experimental e digital como pode ser visto através da Figura 8.

No que se refere aos matérias flexíveis, por exemplo, alguns foram amassados, dobrados ou tiveram sua aparência original preservada para utilização da sua textura natural e posteriormente digitalizados por scanner e refinados no Adobe Photoshop.

Figura 8: Exemplo do processo de criação de texturas (sup.) e texturas e elementos de apoio desenvolvidas (inf.).



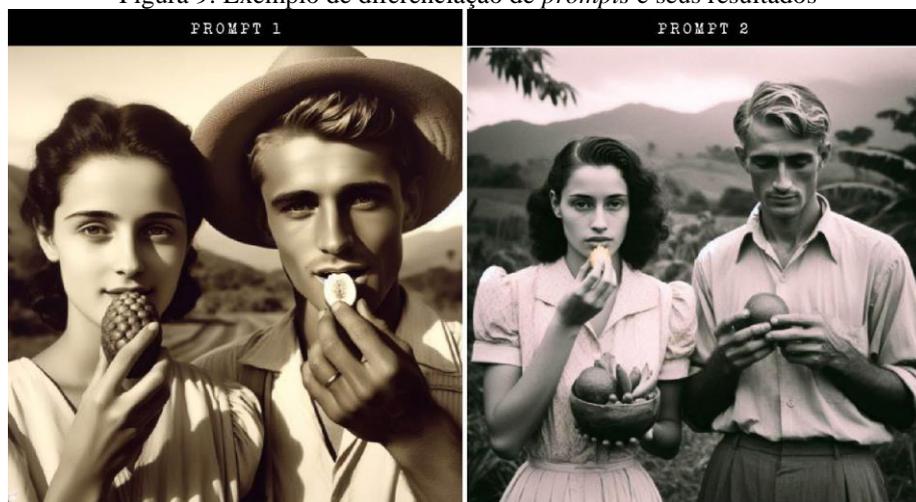
Fonte: Elaborada pela autora (2024).

3.3.4 Construção

A seguir, serão detalhados os processos de construção das 12 colagens usando como exemplos apenas 2 das 12 colagens produzidas. As demais colagens apresentam em maior ou menor número das intervenções que serão relatadas aqui, apenas salvo guardada a peça “Bunecos de Vitalino que são conhecidos inté no Sul”, na qual não é aplicada uma das intervenções detalhadas a seguir. Para melhor entendimento, as colagens serão categorizadas em “Contém Inteligência Artificial” e “Criada a partir de acervo existente”.

Para geração de cada imagem por Inteligência Artificial foi usado um *prompt*, que é um texto altamente detalhado sobre ação que se deseja executar. Larrazábal (2023), nos diz que a escolha criativa e adequada de um *prompt* pode influenciar diretamente na qualidade dos resultados obtidos. Isso foi observado na prática na geração de imagens desse trabalho. Como pode ser observado na (figura 9), o *prompt* 1 nos mostra a primeira aplicação dentro da ferramenta, com um enquadramento que não era o desejado, conforme os detalhes sobre a imagem foram acrescentados ao *prompt* 2, a ferramenta gerou uma imagem mais assertiva, no enquadramento desejado.

Figura 9: Exemplo de diferenciação de *prompts* e seus resultados



Fonte: Elaborado pela autora (2024)

A primeira colagem de exemplo foi criada a partir de acervo existente. A peça em questão é a **“Bunecos de Vitalino que são conhecidos inté no Sul”** (Figura 10). Esta peça é a única do projeto que foi criada integralmente a partir de elementos disponíveis em acervos físicos, digitais ou criados fisicamente e depois digitalizados, não contendo nenhum elemento gerado por inteligência artificial. Os personagens humanos centrais dessa composição são Mestre Vitalino e Severino Vitalino, seu filho, retratados pelo fotógrafo franco-brasileiro Pierre Verger, durante uma de suas visitas à região nordeste. Também nesta colagem, está o Boizinho de Barro, que segundo relato de Onildo Almeida, era vendido e utilizado como brinquedo antes da popularização da sua obra. Também foi usada uma segunda imagem de Vitalino, um pouco mais velho, tendo sido essa imagem encontrada exposta no Museu do Barro, também na cidade de Caruaru. Para compor a colagem, também foram utilizadas outras obras de Vitalino, como Os Retirantes em primeiro plano, junto a Severino e o Cangaceiro posicionado atrás dele. A ideia da peça é retratar não a venda, mas o processo e o ambiente de confecção das peças, nesse caso, o espaço externo da sua residência localizada no Alto do Moura, bairro que fica a 7Km

do centro da cidade, onde ocorria a feira. Para o enriquecimento da imagem e contextualização do ambiente, foi utilizado também um pé de “facheiro”, uma espécie de cacto muito comum na região.

O próximo exemplo é a colagem que retrata o “**Caneco Acuvitêro**” (Figura 10). Essa colagem contém inteligência artificial nos personagens humanos utilizados em sua composição. O intuito por trás da criação dessa peça é a de criar uma imagem que contivesse tanto o produto, como o contexto original, de acordo com relato de Onildo Almeida fornecido em entrevista durante o processo de pesquisa. De uma forma divertida e que convida o observador a participar da situação um tanto constrangedora e cômica.

Figura 10 - Colagem feita com acervo existente de pessoas reais (dir.); Colagem feita com personagens criados por inteligência artificial (esq.)



Fonte: Elaborado pela autora (2024)

A colagem retrata o uso do produto dentro do seu contexto original. Para essa colagem, foi utilizada a ferramenta de geração de imagens por inteligência artificial do *Bing*, da *Microsoft*, para a geração de todos os personagens humanos e da mesa onde está apoiado o produto. Nesta peça, também foram usados elementos de apoio obtidos em processos mencionados anteriormente, além da fotografia do próprio. Na parte superior, foram usadas algumas flores secas que já existiam previamente no acervo da autora com a finalidade de remeter a uma atmosfera mais romântica, por se tratar de um casal de namorados, contrapondo-se ao uso de *emojis* “de fogo” nas cabeças da moça e do rapaz que foram utilizados para conferir um ar divertido e insinuativo em referência ao contato “íntimo e inapropriado” que o casal supostamente teve antes de ser interrompido pela mãe da moça, disposta na colagem com as

mãos na cintura e uma expressão séria e insatisfeita. Por fim, o produto sobre a mesa, com um olho em recorte, simbolizando a sua capacidade de testemunhar o que ali tiver acontecido.

Assim sendo, os processos relatados anteriormente contemplaram das etapas de Materiais e Tecnologias (MT), de Experimentação (E) e de Modelo (M), propostas por Munari (2008).

4. DETALHAMENTOS TÉCNICOS E ESPECIFICAÇÕES

Partindo também de um detalhamento geral, para a construção de todas as colagens não foram utilizados grides, porém as suas construções se deram considerando o princípio do enquadramento central, assim como Marcos Coelho também faz com algumas de suas obras (Figura 12), deixando as bordas livres como recurso para enfatizar o assunto da colagem (LUPTON, 2008). A orientação de todas é a de retrato, dentro da proporção 4:5, para que o observador se sinta observando uma fotografia do momento.

Figura 12: Enquadramento central encontrado na obra do designer gráfico e colagista Marcos Coelho.



Fonte: Elaborado pela autora (2024)

Com exceção da peça intitulada “A Feira de Caruaru”, A tipografia foi utilizada como um recurso descritivo, de forma que ela interage com cada peça, porém sem que seu destaque se sobreponha a outros recursos como os próprios produtos, cores e imagens. Para esses casos, foi utilizada a tipografia *Tipo Carimbado*, (Figura 13) criada pela designer Julia Contreiras, a partir da digitalização de impressões de carimbos gravados à mão.

Figura 13: Tipografia utilizada no projeto para nomear os produtos



Fonte: Elaborado pela autora (2024)

Por possuir construção que remete ao processo de manual, porém lembrando uma escrita mecânica, semelhante às feitas por máquinas de escrever, ela também contribui para uma unidade estética “retrô”. A tipografia possui serifas, o que lhe confere boa legibilidade, ainda que suas formas não sejam tão usuais, além de contar com acentuação e caracteres especiais, o que facilita as aplicações e edições de texto.

Para a peça “A feira de Caruaru”, foram elaborados caracteres de uma tipografia de forma experimental, baseado na estética do letreiro presente na fachada centenária do Museu do Mercado de Farinha, como pode ser observado através da Figura 14. Os caracteres foram desenvolvidos baseados nos formatos das letras, com adaptações e interpretações de como seriam os caracteres faltosos.

Figura 14: Geração de caracteres tipográficos com base no letreiro do da fachada do Museu do Mercado de Farinha.



Fonte: Elaborado pela autora (2024)

As cores aplicadas nas colagens foram escolhidas a partir de experimentações, porém não de forma arbitrária, elas foram usadas nas composições observando as interações da teoria

das cores dentro do que propõe (Lupton,2008), com a finalidade de reforçar os contrastes e harmonias entre os tons e objetos dentro de cada peça (Figura 15).

O uso das cores como ferramenta de diferenciação pode ser visto, também na relação dos personagens humanos com os produtos e seu entorno, as imagens geradas por inteligência artificial tinham no seu *prompt*, além do direcionamento estético para reproduzir imagens com estética da década de 1950, especificações de cor, para que todas fossem geradas em tons de sépia ou em preto e branco, em casos onde a imagem foi gerada fora desse parâmetro, houve a conversão dela para o modo desejado utilizando o Adobe Photoshop. Todos os foram representados em cores, quando disponíveis, assim como os elementos que colaboram na composição das narrativas de cada contexto.

Figura 15: (dir.) Demonstração das interações entre cores por Lupton (2008). (esq.) Demonstração das interações entre imagens preto e branca e as cores utilizadas na construção da peça.



Fonte: Elaborado pela autora 2024

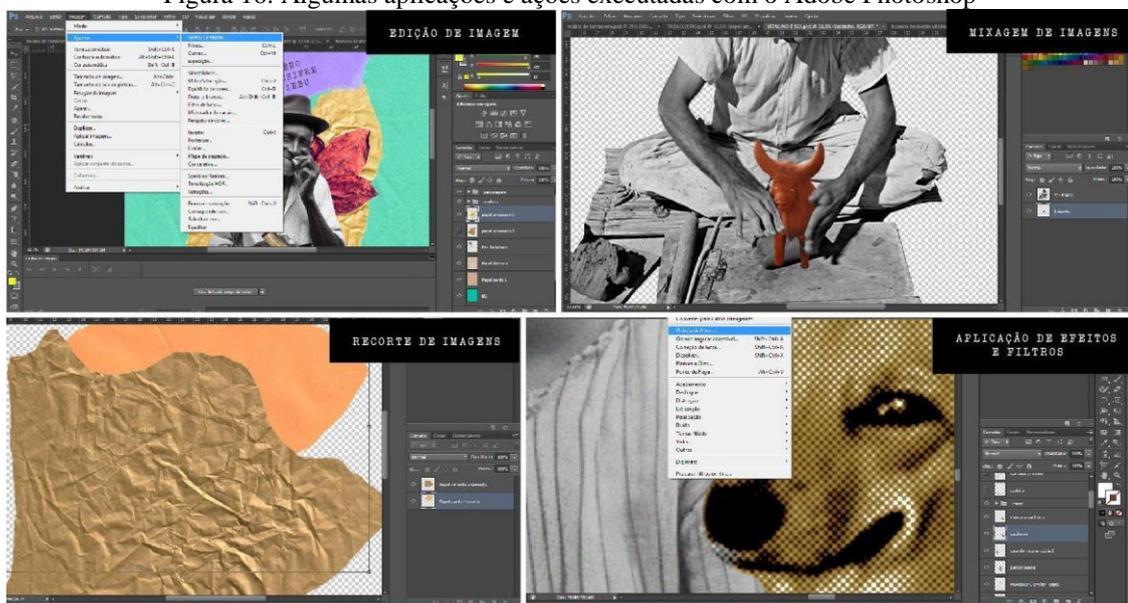
Todas as Colagens foram inicialmente criadas fazendo uso do sistema aditivo RGB, usado para desenvolver projetos que serão exibidos em telas (LUPTON, 2008 p.76). A sigla representa as 3 cores do sistema, sendo Red (vermelho), Green (verde) e Blue (azul). As 3 cores são responsáveis por formar todas as cores na forma de luz, através das combinações e variações de intensidade entre elas. Com isso, as colagens podem ser reproduzidas em meios digitais que possuam tela, como computadores e smartphones ou outros dispositivos que representam as cores em forma de luz. Vale salientar que em desdobramentos futuros, as peças poderão ser impressas com conversão delas para quadricromia, no sistema subtrativo CMYK, sigla para *Cian* (ciano), *Magenta* (magenta, um tom de vermelho rosado), *Yellow* (amarelo) e *Black* (preto) utilizado por impressoras jato de tinta e a laser, assim como por equipamentos offset, destinados a impressões comerciais de larga escala (LUPTON,2008)

Todas colagens desse projeto foram construídas a partir da utilização do Adobe Photoshop, tanto as mixagens, bem como os recortes de imagem, tratamentos e efeitos. Ela foi escolhida por ter ampla gama de aplicações e ferramentas que são direcionadas tanto na

manipulação de imagens, possibilitando a mixagem e mesclagem de uma ou mais imagens para compor uma nova imagem, como na aplicação de efeitos visuais em imagens ou textos mantendo alta qualidade e nitidez, o que por sua vez, resulta no enriquecimento das composições finais, o que pode ser melhor visualizado na Figura 16.

O programa favorece a criação e visualização das peças gráficas em camadas, o que facilita a construção, já que o princípio chave da técnica de colagem é justamente a brincadeira com “a justaposição de camadas de conteúdo, produzindo superfícies que oscilam entre planaridade e profundidade” (LUPTON, 2008 p.128).

Figura 16: Algumas aplicações e ações executadas com o Adobe Photoshop



Fonte: Elaborado pela autora (2024)

Seguindo o processo e utilizando os recursos e técnicas descritas anteriormente, foram geradas as 12 colagens, cumprindo com a etapa Criatividade (C), possibilitando que a etapa de Validação (V) fosse iniciada. Esta fase é determinante para entender se a solução proposta aqui está apta a resolver o problema dessa pesquisa.

4.1 Verificação (V)

Nessa fase, foi realizada uma nova visita ao compositor da música, Onildo de Almeida, para a apresentação do material produzido. As 12 colagens foram apresentadas em um tablet, possibilitando o manuseio virtual das peças, sendo ampliados os detalhes para facilitar a assimilação, quantas vezes houvesse necessidade e pelo tempo que precisasse. Cada peça foi apresentada com a mediação e contextualização sobre cada aspecto, sempre oferecendo e

incentivando comentários e sugestões de intervenções que auxiliassem a qualidade na entrega do resultado final.

Das 12 peças apresentadas, 10 foram plenamente aceitas como uma boa solução para o problema, e 2 (duas) receberam indicações de correções pontuais.

Na peça “**Sorvete da raspa**”, (Figura 17) o autor da música atentou para a vestimenta e aparência do personagem humano, acrescentando que o produto era consumido pelo “matuto”, e que geralmente as suas roupas e aparência eram mais modestas do que as apresentadas pelo personagem na presente colagem. Um outro ponto para atentar, é sobre a forma como o sorvete era comercializado. Na primeira imagem foi utilizada a imagem de um copo descartável, porém não era compatível com o produto original, sendo comercializado em copos de vidro. Partindo disso, uma nova imagem foi gerada utilizando a ferramenta de Inteligência artificial do criador de imagens do *Bing*, da *Microsoft*. Com o comando para geração de uma fotografia realista que retratasse um jovem nativo do nordeste brasileiro na década de 1950, trajando roupas modestas, onde foram geradas 4 imagens, das quais a alternativa que possuía mais atributos realísticos, foi selecionada e aplicada na nova versão.

Na sequência, também foram acrescentadas ilustrações e fotos de frutas, com a finalidade de representar os sabores dos preparos que eram comumente utilizados e consumidos, segundo Onildo Almeida. Foram acrescentados recortes de garrafas contendo esses preparos, com a finalidade de aproximar a colagem do contexto em que o produto era e ainda é comercializado. Finalizando as intervenções, também foi ajustado o enquadramento da imagem por conta da autora.

Figura 17: Modificações realizadas na colagem sugeridas por Onildo de Almeida.



Fonte: Elaborado pela autora (2024)

Já na peça que retrata a ‘**Carça de Arvorada**’ (Figura 18), Onildo Almeida pontuou apenas sobre o tom dos tecidos usados para demonstrar em quais cores a peça era comercializada. O Compositor apontou que o tom de azul era claro e suave, ao contrário do aplicado na peça disposta para verificação. O mesmo aconteceu com o tom “pólvora com farinha”, que se tratava de um tom aproximado a cor chumbo.

Na versão corrigida, as cores foram corrigidas e os recortes de tecido utilizados para representar as cores foram reposicionados para melhorar sua identificação na peça final. Alterações no enquadramento, elementos de apoio e adição de texto também foram aplicadas por conta da autora.

Figura 18: Modificações realizadas na colagem sugeridas por Onildo de Almeida.



Fonte: Elaborado pela autora (2024)

Com a finalização da fase de Verificação (V), em que foram realizados os ajustes indicados. As colagens serão apresentadas no tópico a seguir na etapa de Solução (S).

4.2 Solução (S)

Após percorrer todas as etapas da metodologia e todos seus desdobramentos, como já foi dito, a ideia para solução do problema desta pesquisa foi a geração de 12 colagens contendo informações visuais que resgatassem a memória dos produtos da feira de Caruaru, com base no contexto da música ‘A Feira de Caruru’, de Onildo Almeida.

As 12 peças foram geradas através do uso de métodos e técnicas provenientes do design gráfico com a finalidade de firmar e confirmar que o profissional Designer, está habilitado para utilizar do próprio design a serviço de um bem social e cultural.

É válido ressaltar que, as peças apresentadas a seguir, foram validadas pelo compositor da música e estão aptas a servir de solução para o problema deste trabalho:

Colagem 1: A Feira de Caruaru



Descrição:

Esta peça retrata o marco inicial de Caruaru e da própria feira. Ao fundo, a Igreja de N^a Senhora da Conceição, marco zero da cidade. Dentro da tolra, estão Onildo Almeida e Luiz Gonzaga, personagens centrais na história da música. A peça brinca com as escalas reais, e já apresenta alguns dos produtos citados na música. Ela é a única peça que apresenta o cururu (esquerdo inferior), utilizado aqui para fazer menção ao animal que não era vendido da época, mas foi citado na música.

Colagem 2 - Caneco Acuvitêro



Descrição:

Essa colagem foi construída para representar comicamente os contextos implícitos e extremamente valiosos que o produto carrega consigo implicitamente, e que já foram apresentados ao leitor anteriormente. Ela também pretende provocar o observador a observar o todo, levando em conta as expressões de cada personagem e como eles se relacionam entre si dentro do contexto do produto, da composição e da época.

Colagem 3 - Mubia de Tamburête feita do tronco do mulungú



Descrição:

A peça foi construída para evocar a comicidade da própria música, fazendo brincadeiras poéticas com contextos possíveis e contextos paralelos aos usos dos próprios produtos. Nesta peça, foi retratada a brincadeira das crianças em frente à sua casa, com interação no ambiente e de todos ao redor. A ideia é conversar com o observador(a) que tenha tido vivência com o produto, provocando a memória do “eu já tive” ou “brincava assim quando criança”. Os produtos utilizados na composição foram comprados na feira moderna para compor a colagem.

Colagem 4 - Tabaquêro feito do chifre do boi zebu



Descrição:

Esta colagem foi construída com a proposta de resgatar a memória do produto por representação, a partir do relato de Onildo Almeida, apresentando não só o produto, como também o consumidor e suas características estéticas, além dos produtos similares que também eram vendidos junto ao produto central, a exemplo do fumo de rolo (pacáia); o fumo para fazer cigarro artesanal e folhas do tabaco, além da ilustração botânica da planta do tabaco.

Colagem 5: Baliêra mode minino caçá nambu



Descrição:

O intuito desta colagem, além de apresentar ao observador o produto, a “baliêra”, posicionada na mão do “menino” também pretende fazer uma contextualização bem humorada do produto em uso, usando uma “hipérbole visual”, onde o menino ‘caça o nambu’, e se instala uma guerra entre os dois personagens. Ambos pela sobrevivência, com as armas que tem; um com a baliêra, o outro com um tanque de guerra, ambos de brinquedos.

Colagem 6: Sorvete de Raspa que faz jaú



Descrição:

O sorvete de raspa foi representado aqui de acordo com os relatos de comercialização apresentados por Onildo Almeida. O produto é feito de gelo raspado, representado pelas geleiras ao fundo, com sucos concentrados de frutas, representados pelas garrafas coloridas, onde realmente são armazenados. Ele ainda pode ser encontrado na feira, sendo vendido por vendedores ambulantes em carrinhos de mão. A colagem brinca com as proporções entre os itens, apresentando o produto fazendo uso de hipérboles visuais.

Colagem 7: Bunecos de Vitalino que são conhecidos até no sul



Descrição:

Esta colagem retrata Mestre Vitalino e seu filho, Manoel Vitalino, numa ocupação que lhes foi comum: A produção dos bonecos de barro que levariam o nome de Caruaru e da própria feira além dos limites da cidade. A peça foi construída a partir de uma releitura do ambiente onde eles fabricavam as peças, no quintal da sua própria casa. A colagem traz o Boi de Barro, item que anteriormente a sua fama era utilizado em brincadeiras infantis, assim como outras peças de estética própria e que já extravasam o contexto das brincadeiras, como os Retirantes e o Cangaceiro.

Colagem 8: Cuêi-Tatu



Descrição:

Sendo responsável por muitas confusões, tanto na pronúncia como em seu significado, o produto é comumente chamado de “cuêi-tatu”, sendo na verdade um caititu, peça utilizada na fabricação da farinha de mandioca, apresentado em uso na parte central da colagem. Como é confundido amplamente com animais, o coelho e o tatu, os animais foram adicionados a cena para brincar com as interpretações populares. Também foram utilizadas folhas de mandioca para compor os contextos do produto.

Colagem 9: Fruta de Paima e Mandacaru



Descrição:

A colagem apresenta ao observador as frutas de palma e mandacaru, descritas na música na sua última estrofe. As frutas eram comercializadas na feira, porém durante o processo de pesquisa, não foram mais encontradas. Esta peça pretende resgatar as suas memórias assim como apresentar os produtos para aqueles que não as conhecem. Ela apresenta tanto as frutas, como um “balaio”, produto que é mencionado na música, a partir de uma das outras formas de uso dele, que não era encontrado apenas para a venda, mas também era utilizado para expor os produtos na feira.

Colagem 10: Tamanco



Descrição:

O Tamanco é um dos produtos que estão em processo de extinção na comercialização na feira atual. Esta colagem visa o resgate e a manutenção da sua memória, utilizando para isso, um dos contextos de utilização dele. A finalidade aqui é retratar a peça em destaque central, mas num contexto onde ele é usado para dançar um baião, como a própria música e ou forró nas festas juninas, outros dois ícones culturais que conferem fama Cidade de Caruaru.

Colagem 11: Tolrda



Descrição:

A Tolrda, não é um produto, mas um item incompreendido por muitos ao ouvir ou ler a música. A tenda é um item universal nos contextos das feiras livres, porém aqui, a tenda vira torda, que vira ‘torlda’ na boca do morador local, seja ele feirante ou comprador. A peça retrata o produto e as duas figuras humanas mencionadas dentro dos seus contextos. A peça também usa outros produtos citados na música como: cesto, balaio, corda e a “pênera boa” (peneira boa).

Colagem 12: Carça de Arvorada que é pra matuto não andá nú



Descrição:

A carça de arvorada, é um dos itens que não é mais comercializado e é desconhecido por muitos, A Colagem apresenta 3 personagens reais, obtidos em acervos físicos, sendo a pilha de milho gerada por inteligência artificial. O produto foi utilizado como licença para ilustrar que é comumente produzido e vendido na feira pelo “matuto”, retratando no personagem que está em pé. Outro ponto onde é utilizada a licença de interpretação é na folha de figueira, com a finalidade de brincar com o trecho fala “que é pra matuto não andá nú”.

Todas as colagens aqui apresentadas, estão disponíveis no apêndice E desse trabalho com a finalidade de que o leitor consiga observar todos os detalhes que podem ter sido ocultos com a miniaturização das peças.

5 CONCLUSÃO

No decorrer deste trabalho, foram apresentadas as circunstâncias que moveram a escolha da música “A Feira de Caruaru” como objeto de estudo deste trabalho. Como dito, não é possível separar as origens da feira e da própria Cidade, e muito menos esquecer as contribuições trazidas por Onildo Almeida, pela música e sua incrível trajetória de popularização, que transcende os campos econômicos e culturais, chegando no interior do que é “ser” Caruaruense. Como resultado de tudo o que foi construído, tanto no tempo decorrido da graduação em Design como no aprendizado dos seus conceitos, enriquecimento intelectual e cultural propiciados, este trabalho é uma síntese dessas vivências acadêmicas convertidos em uma ação de apelo sociocultural para o resgate desse aspecto da cultura local.

Com os dados levantados e relatados, assim como as 12 colagens anteriormente apresentadas, esse trabalho promoveu o resgate e manutenção da memória, assim como a valorização e reconhecimento de uma das obras mais importantes de Onildo Almeida, relatando e exaltando suas contribuições para a memória coletiva e a cultura da Cidade de Caruaru.

Para além, esse trabalho ainda encontra margem para difusão e ampla divulgação desses conhecimentos, reconhecimentos e contribuições, podendo ser aplicado na promoção cultural da cidade, por meio de ações culturais, exposições temáticas, aplicações em museus e criação de material informativo para divulgação em pontos de ampla circulação, como a própria feira e museus, possibilitando que tanto os nativos como turistas tenham acesso a esse desdobramento, mostrando e confirmando novamente que assim como cantado, “A Feira de Caruaru, *FAZ GOSTO A GENTE VER*, pois de tudo o que há no mundo, nela tem para vender”.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA NETTOW, Nelson Martins de; PILLOTTO, Silvia Sell Duarte. O Design como objeto de memória. **Da Pesquisa**, Florianópolis, v. 9, n. 11, p. 188–202, 2014. DOI: 10.5965/1808312909112014188.
- GONÇALVES, Fábio Christiano Cavalcanti Paisagem como res publica: a Calçada do Mar do Recife / Fábio Christiano Cavalcanti Gonçalves. – Recife, 2017
- IPHAN. Dossiê IPHAN 9 Feira de Caruaru. Brasília, 2009. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/dossie9_feiradecaruaru.pdf>. Acesso em: 29 dez.2023.
- IWASSO, Vitor Rezkallah. **Copy/ paste: algumas considerações sobre a colagem na produção artística contemporânea**. São Paulo, 2010. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-53202010000100004>. Acesso em: 16 de jan. 2024.
- MIRANDA, G. M. S. **A Feira e a cidade: Limites e potencialidades de uma interface urbana nas feiras de Caruaru (PE) e de Campina Grande (PB)**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano, Universidade Federal de Pernambuco, 2009.
- NASSIF, Silvia Cordeiro. **Algumas questões sobre a significação musical e suas implicações para o ensino de música**. Revista Música Hodie, v. 15, n. 2, 2015. Disponível em: <<https://revistas.ufg.br/musica/article/view/39741/20299>>. acesso em 21 de Fev. De 2024.
- LARRAZÁBA, Rodrigo Rios. **Análise das variáveis estruturais em resultados obtidos a partir de prompts aplicados em software de inteligência artificial gerativa de imagens artísticas no Adobe Firefly**. Anais do 11º Congresso Internacional de Design da Informação | CIDI 2023. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20240213035422id_/https://pdf.blucher.com.br/designproceedings/cidic2023/22_650634.pdf> acesso em 21 de Fev. De 2024.
- LEAL, Marcelo. **Onildo Almeida: O Cidadão da Feira**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2016.
- LUPTON, Ellen **Novos fundamentos do design**: Ellen Lupton, Jennifer Cole Phillips Título original: Graphic design: the new basics Tradução: Cristian Borges São Paulo: Cosac Naify, 2008.
- MARQUES, Josabel Barreto. **Caruaru, ontem e hoje: de fazenda a capital - Recife**: Ed. do Autor, 2012
- MUNARI, Bruno. **Das coisas nascem coisas/ Bruno Munari**: tradução José Manuel de Vasconcelos. - 2ª ed. - São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- OLIMPIO, R. J. B.; CAMPOS, G. B. **Remix digital e composição visual no design gráfico contemporâneo**. In Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design, Nº 12, Belo Horizonte, 2016.

APÊNDICE A - Formulário para levantamento de dados *Google Forms*



Seção 1 de 5

Pesquisa Acadêmica

Essa pesquisa faz parte do levantamento de dados para o Trabalho de Conclusão de Curso da discente Carmem Lucia Bandim de Almeida, sob orientação da Profa. Dra. Rosimeri Franck Pichler, vinculadas ao curso de Design do Centro Acadêmico do Agreste da Universidade Federal de Pernambuco.

A pesquisa levará alguns minutos do seu tempo e está dividida em algumas sessões. Seus dados não serão divulgados e suas respostas serão utilizadas para compreender e solucionar o nosso problema de pesquisa.

Estou ciente e concordo em participar da pesquisa. *

Sim

Não

Estou ciente e concordo em participar da pesquisa.

 Copiar

65 respostas



● Sim
● Não

Seção 2 de 5

Contextualização da Pesquisa



A Música "A Feira de Caruaru" é um baião (estilo musical do Nordeste Brasileiro) que foi composta em 1956, por Onildo Almeida e gravada em 1957, por Luiz Gonzaga. Ela tem como plano de fundo e inspiração, a Feira da Cidade de Caruaru, no contexto da década de 50, retratando produtos e a própria cultura de quem consumia e fazia a própria feira/ Cidade. A letra da música e termos encontrados nessa pesquisa, fazem parte da **composição original de 1956**. Os termos e expressões vernaculares foram mantidos com sua forma original, respeitando a licença poética da letra. **Alguns termos poderão apresentar " erros gramaticais "**, porém são intencionais do autor da canção, para relatar e retratar a fala oral das pessoas dentro do contexto sociocultural da região e época.

Seção 3 de 5

SOBRE VOCÊ



Queremos saber um pouco sobre você...

Qual seu primeiro nome?

Texto de resposta curta

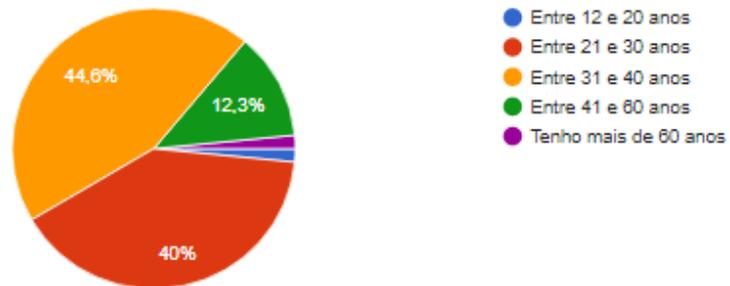
Em qual faixa etária você se encaixa? *

- Entre 12 e 20 anos
- Entre 21 e 30 anos
- Entre 31 e 40 anos
- Entre 41 e 60 anos
- Tenho mais de 60 anos

Em qual faixa etária você se encaixa?

 Copiar

65 respostas

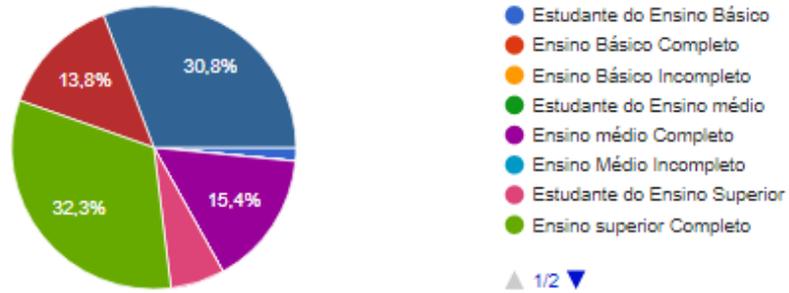


Qual sua escolaridade? *

- Estudante do Ensino Básico
- Ensino Básico Completo
- Ensino Básico Incompleto
- Estudante do Ensino médio
- Ensino médio Completo
- Ensino Médio Incompleto
- Estudante do Ensino Superior
- Ensino superior Completo
- Ensino Superior Incompleto
- Pós Graduado(a)

Qual sua escolaridade?

65 respostas

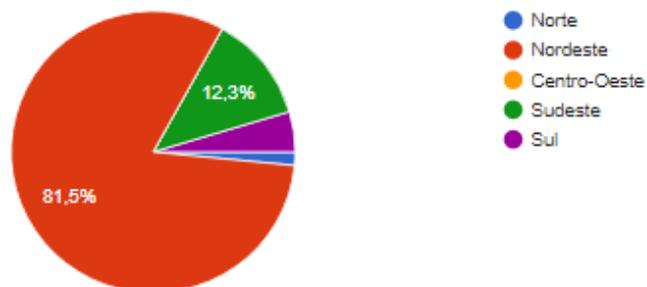
[Copiar](#)

De qual Região você é? *

- Norte
- Nordeste
- Centro-Oeste
- Sudeste
- Sul

De qual Região você é?

65 respostas

[Copiar](#)

Qual seu estado Natal? *

AC

AL

AP

AM

BA

CE

DF

ES

GO

MA

MT

MS

MG

PA

PB

- PB
- PR
- PE
- PI
- RJ
- RN
- RS
- RO
- RR
- SC
- SP
- SE
- TO

BA

1 resposta CE

1 resposta PA

1 resposta PB

1 resposta RN

1 resposta

PE

47 respostas

SP

7 respostas

ES

2 respostas

RJ

2 respostas

SC

2 respostas

Qual sua cidade Natal? *

Texto de resposta curta

Caruaru

28 respostas

Recife

8 respostas

Santo André

4 respostas

Garanhuns

2 respostas

Bezerros

2 respostas

Bragança

1 resposta

Itajaí

1 resposta

Pindamonhangaba

1 resposta

Salvador

1 resposta

Nova Iguaçu

1 resposta

João Pessoa

1 resposta

Vitória

1 resposta

Rio de Janeiro

1 resposta

São Joaquim do Monte

1 resposta

Osasco

1 resposta

Agrestina

1 resposta

Lagoa dos Gatos

1 resposta

Florianópolis

1 resposta

Juazeiro do Norte

1 resposta

Ribeirão

1 resposta

Gravatá

1 resposta

Caruaru - PE

1 resposta

Olinda

1 resposta

Carpina

1 resposta

Pancas

1 resposta

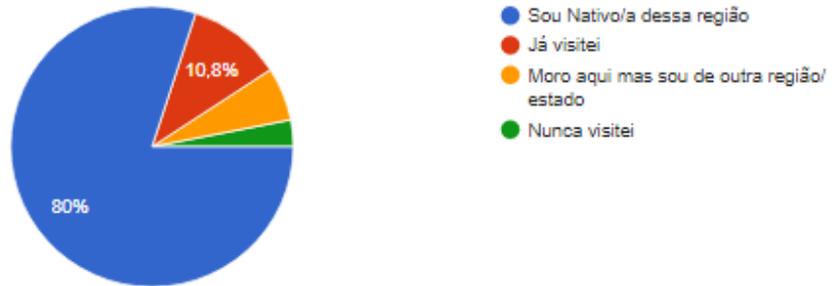
Qual sua relação com o Nordeste Brasileiro? *

- Sou Nativo/a dessa região
- Já visitei
- Moro aqui mas sou de outra região/ estado
- Nunca visitei

Qual sua relação com o Nordeste Brasileiro?

 Copiar

65 respostas



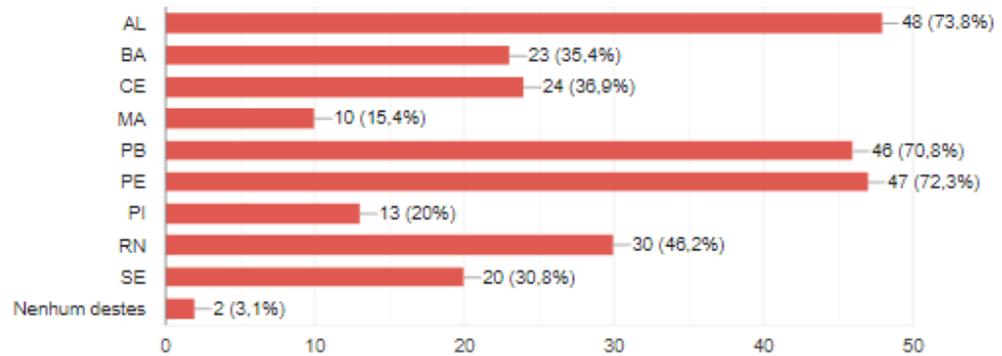
Quais estados do NE você já visitou? *

- AL
- BA
- CE
- MA
- PB
- PE
- PI
- RN
- SE
- Nenhum destes

Quais estados do NE você já visitou?

 Copiar

65 respostas



Com relação ao seu conhecimento sobre a cultura nordestina, você : *

- Conhece profundamente a cultura nordestina
- Conhece razoavelmente a cultura nordestina
- Conhece muito pouco da cultura nordestina
- Desconhece a cultura nordestina

 Conhece razoavelmente a cultura nordestina

35 respostas

 Conhece profundamente a cultura nordestina

15 respostas

 Conhece muito pouco da cultura nordestina

3 respostas

OBJETO DE ESTUDO



Nosso objeto de estudo é culturalmente Nordestino, porém gostaríamos de entender se ele e seus componentes são comumente conhecidos pelos nativos da região e por outras regiões.

Observe a letra da seguinte canção:

A FEIRA DE CARUARU (Baião de Onildo Almeida) - Letra Original

A Feira de Caruaru,
 Faz gosto a gente vê.
 De tudo que há no mundo,
 Nela tem pra vendê,
 Na feira de Caruaru.
 Tem massa de mandioca,
 Castanha assada, tem ovo cru,
 Banana, laranja, manga,
 Batata, doce, queijo e caju,
 Cenoura, jabuticaba,
 Guiné, galinha, pato e peru,
 Tem bode, carneiro, porco, }
 Se duvidá... intê cururu. }BIS
 Tem cesto, balaio, corda,
 Tamanco, gréia, tem cuêi-tatu,
 Tem fumo, tem tabaquêro,
 Feito de chifre de boi zebu,
 Caneco acuvitêro,
 Penêra boa e mé de uruçú,
 Tem carça de arvorada, }
 Que é pra matuto não andá nú. }BIS
 Tem rêde, tem baliêra,
 Mode minino caça nambu,
 Maxixe, cebola verde,
 Tomate, quento, couve e chuchu,
 Armoço feito nas tolrdas,
 Pirão mixido que nem angu,
 Mubia de tamburête, }
 Feita do tronco do mulungú. }BIS
 Tem louiça, tem ferro véio,
 Sorvete de raspa que faz jáú,
 Gelada, cardo de cana,
 Fruta de paima e mandacaru.
 Bunecos de Vitalino,
 Que são cunhecidos intê no Sul,
 De tudo que há no mundo, }
 Tem na Feira de Caruaru. }BIS

Você conseguiu compreender e reconhecer **TODOS** os itens que foram relatados anteriormente na música? *

- Sim
- Não

Sim

29 respostas

Não

36 respostas

Anteriormente a essa pesquisa, você já tinha ouvido falar sobre a música " A Feira de Caruaru", composta por Onildo Almeida e cantada por Luiz Gonzaga? *

- Sim
- Não

Sim

60 respostas

Não

5 respostas

Como você ficou sabendo sobre a cidade de Caruaru-PE? *

- Sou da Cidade
- Por causa da Música " A ferira de Caruaru"
- Por causa de Feira de Caruaru
- Tenho parentes/ amigos da Cidade
- Por causa dos festejos Juninos
- Nunca ouvi falar
- Outro

Sou da Cidade

37 respostas

Tenho parentes/ amigos da Cidade

10 respostas

Por causa de Feira de Caruaru

6 respostas

Por causa dos festejos Juninos

6 respostas

Outro

6 respostas

Você já foi a Feira de Caruaru? *

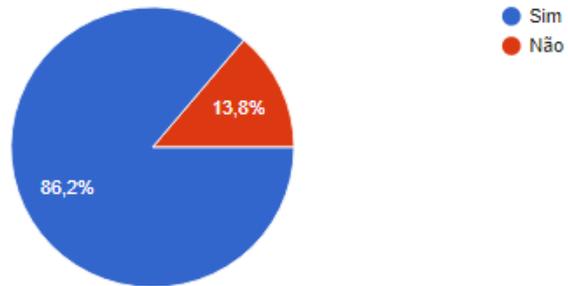
Sim

Não

Você já foi a Feira de Caruaru?

 Copiar

65 respostas



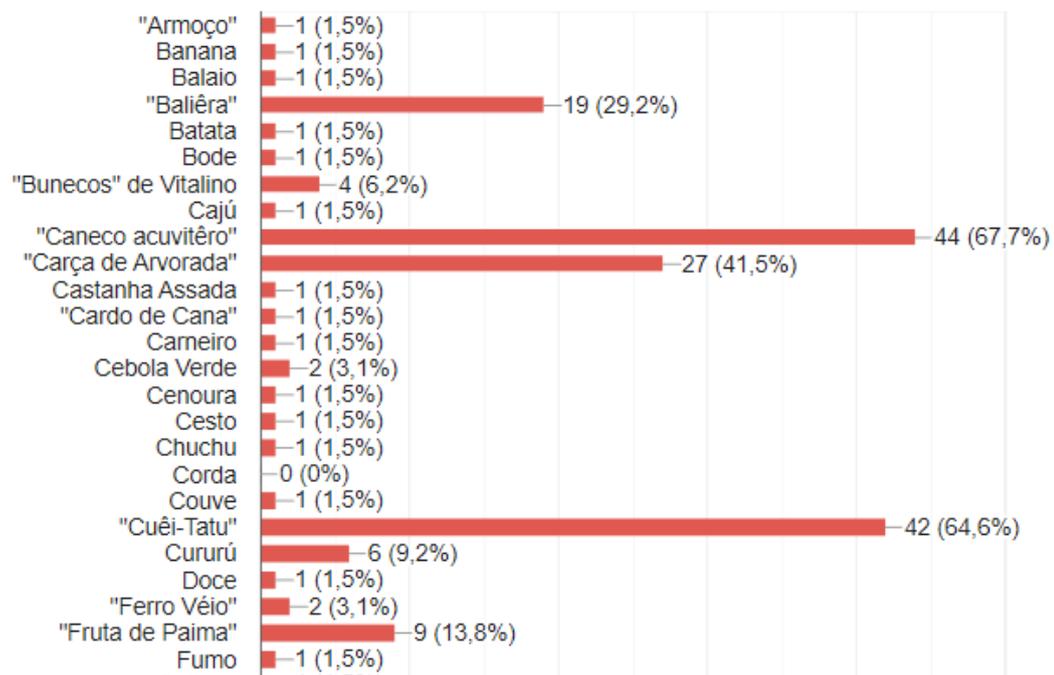
A cultura é composta por aspectos regionais e locais, mas alguns termos podem ser difundidos ou pertencer a outras regiões e localidades. Com base em suas experiências e conhecimentos, responda:

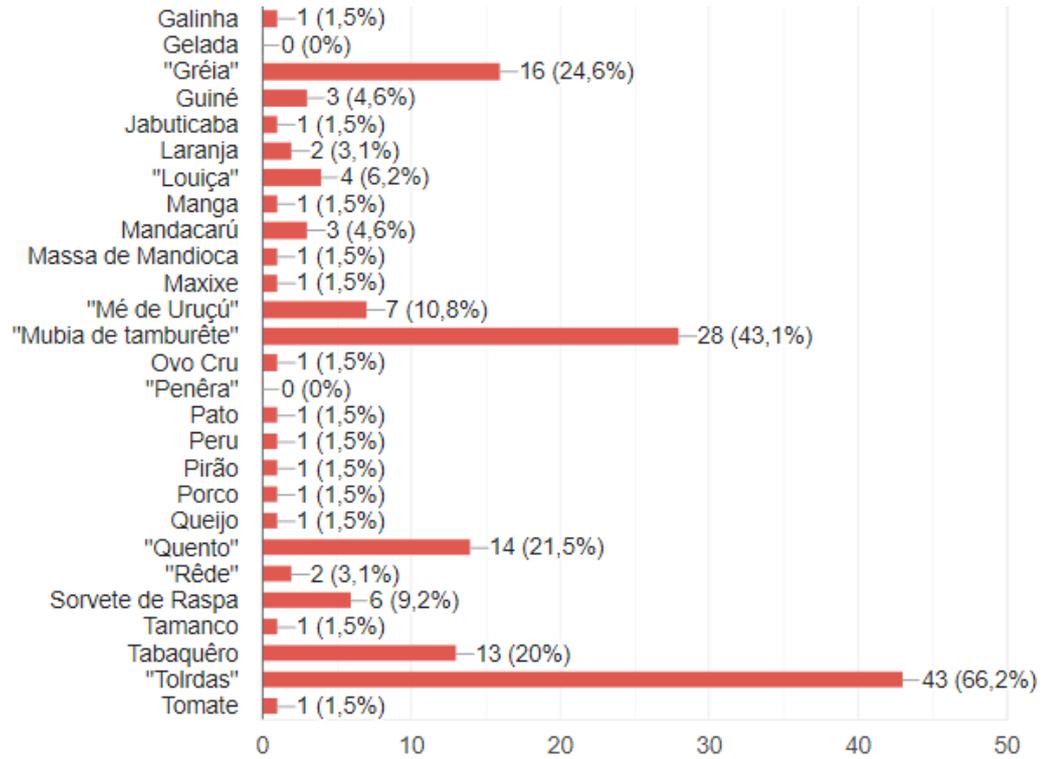
Quais dessas expressões/ produtos você **NÃO** conhece ou **NÃO** reconhece o significado?

 Copiar

(Marque quantas opções forem necessárias)

65 respostas





Apêndice B -TCLE



UNIVERSIDADE
FEDERAL
DE PERNAMBUCO

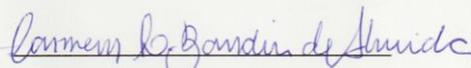
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, **Onildo Almeida**, concordo em participar da pesquisa acadêmica, conduzida por **Carmem Lucia Bandim de Almeida**, estudante do curso de Design da Universidade Federal de Pernambuco, Campus Agreste, sob orientação da Professora **Rosimeri Franck Pichler**, como parte do trabalho para conclusão do seu curso, na mesma instituição. Entendo que minha participação é voluntária e que posso me retirar a qualquer momento, sem penalidades.

Autorizo o uso das informações fornecidas por mim durante a entrevista para fins acadêmicos e a que se destinam, incluindo citações diretas no corpo da pesquisa, fotografias ou publicações relacionadas a este trabalho.

Compreendo que todas as informações fornecidas por mim serão utilizadas para os fins mencionados acima e que minha identidade será mencionada no corpo da pesquisa.


Onildo Almeida


Carmem Lucia Bandim de Almeida

Caruaru, 03 de maio de 2024

Apêndice C - Versões de letras da música 'A Feira de Caruaru'.

**A
FEIRA
DE
CARUARU**

UMA COMPOSIÇÃO DE
ONILDO ALMEIDA

VERSÃO CANTADA
POR LUIZ GONZAGA

LETRA ORIGINAL

A FEIRA DE CARUARU,
FAZ GOSTO A GENTE VÊ.
DE TUDO QUE HÁ NO MUNDO,
NELA TEM PRA VENDÊ,
NA FEIRA DE CARUARU.

TEM MASSA DE MANDIOCA,
CASTANHA ASSADA, TEM OVO CRU,
BANANA, LARANJA, MANGA,
BATATA, DOCE, QUEIJO E CAJU,
CENOURA, JABUTICABA,
GUINÊ, GALINHA, PATO E PERU,
TEM BODE, CARNEIRO, PORCO,) Bis
SE DUVIDÁ... INTÊ CURURU.)Bis

TEM CESTO, BALAIO, CORDA,
TAMANCO, GRÊIA, TEM CUÊI-TATU,
TEM FUMO, TEM TABAQUEIRO,
FEITO DE CHIFRE DE BOI ZEBU,
CANECO ACUVITÊRO,
PENËRA BOA E MÊ DE URUÇÚ,
TEM CARÇA DE ARVORADA,)Bis
QUE É PRA MATUTO NÃO ANDÁ NÚ.)Bis

TEM RÊDE, TEM BALIËRA,
MODE MININO CAÇA NAMBU,
MAXIXE, CEBOLA VERDE,
TOMATE, QUENTO, COUVE E CHUCHU,
ARMOÇO FEITO NAS TOLRDAS,
PIRÃO MIXIDO QUE NEM ANGU,
MUBIA DE TAMBURÊTE,)Bis
FEITA DO TRONCO DO MULUNGÚ)Bis

TEM LOUIÇA, TEM FERRO VEIO,
SORVETE DE RASPA QUE FAZ JAÚ,
GELADA, CARDO DE CANA,
FRUTA DE PAIMA E MANDACARU.
BUNECOS DE VITALINO,
QUE SÃO CUNHECIDOS INTÊ NO SUL,
DE TUDO QUE HÁ NO MUNDO,)Bis
TEM NA FEIRA DE CARUARU.)Bis

TEM MASSA DE MANDIOCA,
BATATA ASSADA, TEM OVO CRU,
BANANA, LARANJA, MANGA,
BATATA, DOCE, QUEIJO E CAJU,
CENOURA, JABUTICABA,
GUINÊ, GALINHA, PATO E PERU,
Bis (TEM BODE, CARNEIRO, PORCO,
Bis (SE DUVIDÁ... INTÊ CURURU.

TEM CESTO, BALAIO, CORDA,
TAMANCO, GRÊIA, TEM CUÊI-TATU,
TEM FUMO, TEM TABAQUEIRO,
FEITO DE CHIFRE DE BOI ZEBU,
CANECO ACUVITÊRO,
PENËRA BOA E MÊ DE URUÇÚ,
Bis (TEM CARÇA DE ARVORADA,
Bis (QUE É PRA MATUTO NÃO ANDÁ NÚ.

NA FEIRA DE CARUARU,
TEM COISA PRA GENTE VÊ.
DE TUDO QUE AI NO MUNDO,
NELA TEM PRA VENDÊ.

NA FEIRA DE CARUARU...

TEM RÊDE, TEM BALIËRA,
MODE MININO CAÇA NAMBU,
MAXIXE, CEBOLA VERDE,
TOMATE, CUENTO, COUVE E CHUCHU,
ARMOÇO FEITO NA TORDA,
PIRÃO MIXIDO QUE NEM ANGU,
Bis (MUBIA DE TAMBURÊTE,
Bis (FEITA DE TRONCO DE MULUNGÚ.

TEM LOUIÇA, TEM FERRO VEIO,
SORVETE DE RASPA QUE FAZ JAÚ,
GELADA, CARDO DE CANA,
FRUTA DE PAIMA E MANDACARU.
BUNECOS DE VITALINO,
QUE SÃO CUNHECIDOS INTÊ NO SUL,
Bis (DE TUDO QUE AI NO MUNDO,
Bis (TEM NA FEIRA DE CARUARU.

Apêndice D - Tabela descritiva com produtos da Música.

PRODUTO	DESCRIÇÃO	ONDE ENCONTRAR
Massa de Mandioca	Espécie de farinha úmida obtida por processamento artesanal da mandioca utilizada para fazer tapioca e bolos.	Feira De Frutas, verduras e Cereais /Feira de Ervas e raízes
Castanha Assada	Castanha de Caju torrada e descascada	Feira de gomas, bolos, queijos, doces e castanha
Ovo Cru	Ovo de Galinha Cru	Feira De Frutas, verduras e Cereais /Feira de Ervas e raízes
Banana Laranja Manga Batata	Todos os tipos do fruto	Feira De Frutas, verduras e Cereais /
Doce	Doce artesanal	Feira de gomas, bolos, queijos, doces e castanha
Queijo	Pode ser tipo coalho ou Manteiga	Feira de gomas, bolos, queijos, doces e castanha
Cajú Cenoura Jabuticaba	Frutos	Feira De Frutas, verduras e Cereais
Guiné	Ave também conhecida como Galinha –d’Angola, galinha-do-mato, capote ou pintada. Possui plumagem cinza escuro a preto com pontos brancos.	Feira de Animais
Galinha Pato Perú	Ave viva ou abatida	Feira de Animais / Mercado de Carne
Bode Carneiro Porco	Animal Vivo ou Abatido	Feira de Animais/ Mercado de Carne

Cururu	<p>Espécie de sapo, Sapo-cururu.</p> <p>Embora seja mencionado na música, o sapo não era um produto à venda na feira.</p> <p>Em entrevista, Onildo Almeida conta que por trás da Igreja da Conceição, existia uma espécie de lagoa que se chamava “poço do Cururu”. Essa região era tomada por sapos nos tempos de chuvosos.</p> <p>Hoje em dia, representações do animal podem ser encontradas para venda na Feira de Artesanato.</p>	
Cesto	<p>Utensílio doméstico com ou sem tampa confeccionado em tramas, feito manualmente em fibras naturais ou sintéticas.</p> <p>Exemplo de utilidade: Por roupas sujas/ para lavar</p>	Feira de utensílios domésticos / Feira de Artesanato
Balaio	<p>Utensílio doméstico sem tampa, podendo ter alças ou não. Confeccionado manualmente, feito em fibras naturais.</p> <p>Exemplo de utilidade: Armazenagem e transporte de frutas e verduras</p>	Feira de utensílios domésticos / Feira de Artesanato
Corda	<p>União de fios feitos em fibra natural trançada</p>	Feira de utensílios domésticos / Feira de Artesanato
Tamanco	<p>Calçado feminino com solado confeccionado em madeira e correia/ amarração feita em couro ou tecido</p>	Feira de artesanato
Gréia	<p>Grelha feita em arame/ metal para assar carnes e apoiar panelas sobre o fogo a lenha.</p>	Feira de utensílios domésticos / Feira de Flandres
<i>Cuéi-tatu</i> (caititu)	<p>Caititu. Espécie de moinho feito em madeira e metal destinado a moer/ralar mandioca para o preparo da farinha.</p> <p>Também é conhecido como “Coelho-Tatu”.</p>	Feira de Ferro velho/ Feira do Troca

Fumo	Tabaco vendido torrado, em grãos ou em rolos (fumo de rolo).	Feira de Ervas e raízes
Tabaqueiro (Feito de Chifre de Boi Zebú)	<p>Semelhante a um inalador de rapé, era um depósito para Fumo/ Tabaco torrado e em pó. Era confeccionado da ponta do chifre bovino e possuía uma pequena tampa removível.</p> <p>O consumo do tabaco nesses depósitos era feito por aspiração.</p>	Feira de Ervas e raízes/ Feira de Artesanato
Caneco acuviteiro	<p>Lampião/ lamparina/ Candeeiro com pavio para ser incendiado, feito em latas de comidas enlatadas/flandres com depósito para combustível e uma asa/ pega para transporte.</p> <p>A Expressão “acuviteiro” vem de um costume antigo que remota a época em que a energia elétrica não era acessível.</p> <p>Casais de namorados se encontravam na casa dos pais da moça, separados por um móvel, geralmente uma mesa com o lampião sobre ela. Esses encontros aconteciam na presença de um dos pais da moça, que ao sair do ambiente, deixava o “lâmpião como guardião da moça.”</p> <p>Esse por sua vez, como não falava, “alcovitando” (não relatando) o período de ausência dos pais e o que houvesse acontecido ali.</p>	Feira de utensílios domésticos / Feira de Flandres / Feira de Artesanato
Pênera boa	Peneira boa. Peneira feita em fibras naturais, produzida de forma artesanal.	Feira de utensílios domésticos / Feira de Artesanato

<p>Mé de Uruçú</p>	<p>Mel de abelha da espécie Uruçú.</p> <p>Esse mel é mais claro e fluido que os méis produzidos e comercializados comumente.</p> <p>O mel das abelhas Uruçú é de difícil produção e conseqüentemente, de difícil comercialização por causa do seu processo e preço.</p> <p>As abelhas da espécie só recolhem néctar de um único tipo de flor, logo produzem o mel em menor quantidade se comparada a outras espécies.</p> <p>Somados a isso, as abelhas desse tipo estão ameaçadas de extinção e devido a seu processo demorado, são preferidas pela apicultura, outras espécies de abelha, como a italiana, para a produção de mel em maior escala.</p>	<p>Feira De Frutas, verduras e Cereais / Feira de Ervas e raízes/ Feira de Artesanato</p>
<p>Carça de arvorada</p>	<p>Calça de Alvorada. Calça feita em uma espécie de Brin, semelhante a um jeans lonado, extremamente resistente.</p> <p>Esse tipo de calça era consumida pelos agricultores/ moradores da zona rural de Caruaru.</p> <p>Por ser extremamente resistente, o agricultor poderia usar a peça por toda semana em trabalhos pesados da roça, sendo exposto a sol e chuva.</p> <p>Chegado o fim de semana, a peça poderia ser lavada para ser usada na feira do sábado, a mesma feira em que foi comprada, e sua aparência seria como nova.</p> <p>Essas peças eram produzidas e comercializadas em duas cores: Azul semelhante ao Jeans e Cinza chumbo (chamada de farinha com pólvora).</p>	<p>Feira de Confeções populares</p>

Rede	Rede para balançar, feita em tecido ou fibras, com amarrações na ponta para pendurar.	Feira de Artesanato
Baliêra (<i>Mode menino Caçar nambu</i>)	<p>Baleadera, badoque ou estilingue.</p> <p>Galho/ madeira em forma de Y com amarração de um cordão de borracha onde são colocadas pedras e depois puxadas/ arremessadas, como uma catapulta de mão.</p> <p>Considerado como um brinquedo, essa peça muitas vezes era usada como um tipo de arma infantil para caça.</p> <p>As crianças ganham os estilingues dos pais e em meio as brincadeiras, caçavam Nambu/Nhandu, uma espécie de passarinho.</p> <p>No final do dia, as aves mortas era levadas para casa para serem limpas, preparadas e depois consumidas.</p>	Feira de Artesanato/ Feira de utensílios domésticos
Maxixe	Fruto do maxixeiro, utilizado no preparo de saladas	Feira De Frutas, verduras e Cereais
Cebola verde Tomate Quentro Couve Chuchu	Frutos e Legumes	Feira De Frutas, verduras e Cereais /
Armoço (<i>Feito nas Tolrdas</i>)	Almoço/ Refeição pronta	Feira de refeições prontas
<i>Tolrdas</i>	Bancas/ tendas de feira com bancada e cobertura onde são produzidas, vendidas refeições assim como produtos.	Feira De Frutas, verduras e Cereais / Feira de refeições prontas
Pirão (<i>Mexido que nem angú</i>)	Preparo de farinha de mandioca com caldos/ molhos de carne até atingir ponto de creme/ angú.	Feira de refeições prontas

Mubia de Tamburête (Feita de tronco de mulungú)	<p>Brinquedo/ Mobiliário em miniatura para que as meninas brincassem de casinha com suas bonecas.</p> <p>O Mulungú é uma árvore da caatinga de onde pode ser extraído um tipo de madeira leve e macia.</p> <p>Essa madeira é tão macia que pode ser esculpida até com ajuda de um canivete.</p>	Feira de Artesanato
Louça	Utensílios em cerâmica/ feitas com barro da região	Feira de Barro/ Feira de Artesanato
Ferro véio	Ferro velho, sucata.	Feira do Troca / Feira de ferro velho
Sorvete de raspa que faz jáú	Espécie de sorvete feito do suco ou essência sintética de alguma fruta com gelo em raspas.	Feira de refeições prontas / Vendedores ambulantes
Gelada	<p>Refresco feito de forma muito semelhante ao sorvete de raspa, a Gelada era servida de forma mais fluída, como um suco/ refresco.</p> <p>Podendo ser também um termo para cerveja.</p>	Feira de refeições prontas / Vendedores ambulantes
Cardo de Cana	<p>Caldo de Cana. Sumo retirado da cana de açúcar através de prensagem.</p> <p>A bebida é prensada e servida com gelo na hora do consumo.</p>	Feira de refeições prontas
Fruta de paima	<p>Fruta de palma, Fruto comestível colhido de uma espécie de cacto abundante na região de caatinga.</p> <p>A palma também é largamente utilizada na fabricação de ração para gado bovino.</p>	Feira De Frutas, verduras e Cereais
Mandacaru	<p>Fruto comestível do mandacaru, espécie de cacto abundante na região de caatinga. A aparência do fruto do mandacaru se assemelha a pitaya, tendo a poupa mais encorpada.</p>	Feira De Frutas, verduras e Cereais

*Bunecos de Vitalino
(Que são conhecidos até no sul)*

Bonecos de Vitalino, esculturas feitas em barro e queimadas como cerâmica.

Feira de barro (Antigamente)/Feira de Artesanato/ Museu do Barro

“Mestre Vitalino” ficou famoso por criar esculturas que retratavam o cotidiano do povo sertanejo. Entre suas temáticas, estavam presentes a lida com o campo, êxodo do povo da seca, caça a animais, representações de trios musicais (trios/bandas de pífano) entre outras.

Vitalino foi o responsável por transformar o Alto do Moura num centro de artes figurativas graças ao seu legado e influência artística.

Hoje as peças originais de Vitalino não são mais comercializadas na feira. Alguns exemplares podem ser encontrados no Museu do Barro na cidade de Caruaru, em acervos particulares e no museu do Louvre, na França.

Apêndice E - Colagens 'A Feira de Caruaru'



Colagem: Caneco Acuvitêro



Mubia de Tamburête feita do tronco do mulungú



Colagem: Tabaquêro feito do chifre do boi zebú



Colagem: Baliêra mode minino caçá nambu



Colagem: Sorvete de Raspa que faz jaú



SORVETE DE
RASPA QUE
FAZ JAÚ

Colagem: Bunecos de Vitalino que são conhecidos até no sul



Colagem: Cuêi-Tatu



Colagem: Fruta de Paima e Mandacaru



Colagem: Tamanco



Colagem: Tolrda



Colagem: Carça de Arvorada que é pra matuto não andá nú

